

BUZZ

REVISTA

NESTA EDIÇÃO

SEJA SUSTENTÁVEL



JORNALISMO UNAERP

MELHOR CURSO DE JORNALISMO DE RIBEIRÃO PRETO E REGIÃO

O curso de Jornalismo da Unaerp é o mais bem avaliado da região de Ribeirão Preto, de acordo com a quinta edição do Ranking Universitário da Folha de S. Paulo (Ruf 2016).

O ranking coloca a Unaerp na 39ª colocação entre os 315 cursos de Jornalismo de instituições públicas e privadas analisados em todo o Brasil. Em Ribeirão Preto, o curso que mais se aproxima do Jornalismo da Unaerp ocupa a 167ª colocação. O outro curso da cidade ocupa a 183ª posição. Entre os cursos das outras cidades da região de Ribeirão Preto, o melhor posicionado em relação ao Jornalismo da Unaerp está no 205º lugar.

Veja outros posicionamentos do Curso

19º melhor curso do País, entre as instituições privadas de ensino;
14º entre as instituições públicas e privadas do Estado de São Paulo;
4º melhor curso do interior do Estado de São Paulo.



A pesquisa realizada pelo instituto DataFolha, do jornal Folha de S. Paulo, é mais um estudo que, ao lado de outras avaliações, entre as quais o Guia do Estudante, colocam o curso de Jornalismo da Unaerp entre os melhores do País.

Na principal avaliação de ensino superior do Brasil realizada pelo MEC - o Exame Nacional do Desempenho dos Estudantes (ENADE) - o curso de Jornalismo da Unaerp é nota 4, numa escala cujo conceito máximo é 5.



Acesse o portal do curso de Jornalismo e conheça os projetos e as produções dos alunos nas mais diversas áreas, jornal impresso, rádio, tv, fotografia e mídias digitais:
www.jornalismounaerp.com.br

PROCESSO SELETIVO 2017 | PROVAS AGENDADAS
0800 771 8388 | UNAERP.BR



JORNALISMO UNAERP

O CURSO COM A MELHOR ESTRUTURA DE ENSINO DE RIBEIRÃO E REGIÃO

LABORATÓRIO DE EDITORAÇÃO GRÁFICA

Jornalismo Impresso e Online



LABORATÓRIO DE TV

TV UNAERP

Canal 10 da NET



LABORATÓRIO DE RÁDIO

RÁDIO UNAERP

Baixe o Aplicativo Rádio Unaerp



LABORATÓRIO DE FOTOGRAFIA

Fotojornalismo



ACESSE O SITE DO JORNALISMO
ACOMPANHE OS PROJETOS E AS PRODUÇÕES DOS ALUNOS
JORNALISMOUNAERP.COM.BR

UNAERP CURSO DE
JORNALISMO
Universidade de Ribeirão Preto
Campus Ribeirão Preto - Campus Guarujá

SUMÁRIO

Revitalização por conta própria [6]
Laís Cangussu

Por um mundo sustentável [8]
Felipe Melo

O bem que contagia [10]
Gustavo Tonetto

Gente que faz o bem [12]
Daniele Nader

Os alimentos agroecológicos do MST [15]
Gilsimara Cardoso

Parques revelam desigualdade Social [18]
Marina Marzola

Pequenas atitudes e grandes transformações [20]
Laís Abbade

Problemas do século [22]
Paolla Yoshie

Tapa-buraco sustentável [24]
Carolina de Santi

A energia que vem da cana [26]
Alisson Henrique

[28] Sustentabilidade no trânsito
Lígia Boareto

[30] Benefícios que vão do bolso ao meio ambiente
Ana Cláudia Lombas

[32] O filé mignon da roça
Renan Giorgeti

[34] Hortas em centros urbanos
Victor Menezes

[36] A receita da reciclagem
Vinícius Lima

[38] Conscientização na cozinha
Sarah Almeida

[40] A cooperação que faz a diferença
Ana Carolina Rossi

[42] Fazendo as pazes
Stela Arengheri

[44] Cultivando uma vida saudável
Raquel Duarte

[46] Novas práticas empresariais
Juliana Ijanc'

Produção à favor do meio ambiente [48]
Carolina Mateus

Investir na sustentabilidade pode gerar lucros [50]
Arnaldo Santos

O tempero da gastronomia [52]
Larissa Onusik

Noção de consumo [54]
Murilo Trevisan

O consumismo sem limites [56]
Andreas Borges

Plantando um futuro mais verde [58]
Pedro Jacintho

Alfabetização sustentável [60]
Pâmela Baldin

[62] Revestindo o vestido
Ananda Santos

[66] Fashion à moda vegana
Carolina Machado

[68] A sustentabilidade na Casa de Portinari
Talita Robinato

[70] A conscientização da plateia
Lucas Dacanal

[72] Do lixo ao luxo
Mariana Andrade

[74] Sustentabilidade em cada esquina
André Guedes

[76] Editorial

BUZZ
REVISTA

REVITALIZAÇÃO POR CONTA PRÓPRIA



Moradores do Quintino Facci II revitalizam praça

COM A FINALIDADE DE TER UM ESPAÇO PARA RECREAÇÃO, MORADORES DE RIBEIRÃO PRETO TOMAM A INICIATIVA DE RESTAURAR PRAÇAS DE SEUS BAIRROS

Laís Cangussu

Fotos: Laís Cangussu

Mesinhas de alvenaria, casinhas de madeiras para pássaros, plantas cercadas por toquinhos de cimento e vasos de flores coloridos. Estes seriam objetos típicos de um jardim particular, mas, na verdade, se encontram em um local público: uma praça, localizada na rua Joaquim Estanislau de Gusmão, no bairro Jardim Presidente Médici, zona leste de Ribeirão Preto. A aposentada Teresa Cristina de Souza, moradora da rua, realiza a manutenção da área há mais de três décadas.

Cristina — como gosta de ser chamada — conta sobre como começou a cuidar da área: “Há 33 anos, não tinha calçada na praça e todo mundo varria lixo da rua e jogava aqui. Então, comecei a tirar esse lixo e ir limpando.”

A moradora teve a ajuda de alguns vizinhos na manutenção do local durante as últimas três décadas, entretanto, atualmente, apenas Cristina mantém os cuidados do local, mesmo que, às vezes, sua saúde limite o trabalho. “Eutenhotendinite, síndrome do túnel do carpo [uma inflamação crônica no nervo do punho], mãe e tia idosas para cuidar”, conta a moradora.

Histórias como a de Cristina se repetem em Ribeirão Preto. Por causa do abandono e, muitas vezes, mato alto e acúmulo de lixo, a população decide cuidar de áreas verdes por conta própria. Em julho, um grupo de oito moradores do bairro Quintino Facci I, zona oeste da cidade decidiu restaurar uma praça, localizada entre as ruas Kasato Maru, Giuseppe Augustino Pavanale e Itanhaém. “Os vizinhos agradeceram porque o lugar aqui estava abandonado”, afirma Janaina Rozado dos Santos, idealizadora da manutenção do local.

Segundo ela, o trabalho ainda está em andamento, mas a restauração objetiva juntar os vizinhos em momentos de lazer. “O intuito aqui é reunir as famílias”, afirma.

Para o sociólogo Sérgio Vinícius de Lima Grande, manutenções de praças como as que acontecem no Jardim Presidente Médici e no Quintino Facci I podem ser explicadas por vários fatores, inclusive, pelo abandono dos órgãos responsáveis por esse locais. “Esse cuidado seria uma preocupação da Prefeitura Municipal, com as secretarias específicas, mas, acontece que, por vários fatores, a população acaba por fazer aquilo que o poder público não faz”, afirma.

Entretanto, Grande deixa claro que o cuidado com as praças torna-se algo que também deve ser feito pelos cidadãos, observando sempre a legislação. “Como existem normativas, é necessário que não se atrepe algumas etapas. Precisa-se respeitar o plano diretor.”

Para o ambientalista Paulo Finotti, a restauração das praças favorece a própria população. Contudo, os moradores precisam estar sempre atentos aos componentes utilizados na manutenção de espaços verdes. “Deve haver um planejamento técnico-científico em tal manejo, já que nos materiais utilizados podem existir substâncias tóxicas e impróprias.”

**MORADORES DOS
BAIRROS JARDIM
PRESIDENTE MÉDICI
E QUINTINO FACCI
II PODEM, AGORA,
DEFRUTAR DE ÁREAS
CUIDADAS PELA
PRÓPRIA POPULAÇÃO**



Moradores recuperaram praça da rua Joaquim Estanislau de Gusmão

Segundo Finotti, a necessidade desse cuidado ocorre porque as praças são importantes para a manutenção do clima nos centros urbanos. “As áreas verdes garantem uma qualidade de clima, através da umidade relativa do ar, do índice de chuvas e da temperatura”, afirma.

Com a restauração das praças, os moradores dos bairros Jardim Presidente Médici e Quintino Facci II podem, agora, desfrutar de áreas públicas de lazer que são cuidadas pela própria população.

Os próprios restauradores veem que os vizinhos valorizam seu trabalho. “Quando tem alguma parte comunitária aqui, as pessoas colaboram, limpam, cuidam, então fica mais familiar. As pessoas respeitam mais”, afirma Cristina.

Grande também observa essa valorização. Para ele, este sentimento beneficia toda a sociedade. “Às vezes, a pessoa dá mais valor do que se estivesse pronto, pois isso cria uma consciência coletiva de que todo mundo deve zelar pelo bem geral”, conclui o sociólogo.



Flores colocadas por Cristina na praça da rua Joaquim Estanislau de Gusmão

POR UM MUNDO SUSTENTÁVEL

CONHEÇA COMO VIVEM PESSOAS QUE LUTAM POR UM MUNDO ONDE OS RECURSOS NATURAIS SÃO UTILIZADOS DE MANEIRA CONSCIENTE

Felipe Melo

A sustentabilidade pode ser definida como a capacidade de ser humano de interagir com o mundo, preservando o meio ambiente com a manutenção de não comprometer os recursos naturais, poupando para as gerações futuras. O conceito de sustentabilidade atende a um conjunto de variáveis interdependentes que devem aumentar a capacidade de integrar as questões sociais, energéticas, econômicas e ambientais.

Esses conceitos fizeram a jovem Renata Vilar de Almeida, de 27 anos, modificar a visão a respeito do tema. O comportamento da bióloga começou a mudar em 2008, quando entrou na faculdade, aos 19 anos. "Passei a ter atitudes sustentáveis, porque sei que o planeta não suporta tantos resíduos e tanto consumo de toda a humanidade", explica a bióloga.

A primeira atitude sustentável da bióloga foi separar o lixo em reciclável, comum e orgânico (hoje ela tem uma composteira em casa). Depois, o interesse foi por produtos biodegradáveis para cuidados pessoais. O mais difícil para a bióloga foi trocar o conforto do carro pela bicicleta e o transporte coletivo. Na hora de fazer compras, Renata dá preferência para alimentos em feiras de pequenos produtores e ao em vez de mercadorias, recusa produtos com excesso de embalagem e utiliza sacolas de pano.



Borracheiro Iremar uniu o útil ao agradável



Atitudes sustentáveis ajudam a mudar o planeta

Apesar das medidas que já toma, Renata não está contente e diz que ainda há muito o que fazer. “Vejo o Brasil como um país pouco sustentável, mas com muitas cabeças repensando as atitudes. Não é nada difícil, mas é preciso querer mudar. Os benefícios de tentar ter uma vida sustentável são ótimos e recompensadores”.

Outro que colabora com um mundo mais verde é o borracheiro Iremar Ramos, de 32 anos, o Mazinho. Ele soube com ninguém um uso útil e agradável – nesse caso, o lucro e a sustentabilidade. Há três anos, ele resolveu dar um novo destino aos pneus que não tinham mais utilidade e ficavam parados em sua oficina, muitas vezes acumulando água e servindo de criadouro para o mosquito transmissor da dengue. O borracheiro virou artesão e começou a produzir bancos, mesas e até pula-pula. “Os pneus velhos ficavam no depósito a céu aberto, é difícil encontrar um negócio para eles e o armazenamento é perigoso por conta da água parada. Fora também a quantidade de pneus que são descartados na rua e em terrenos abandonados”, conta.

Para cada banco que constrói, seis pneus são reaproveitados. Os “produtos sustentáveis” já renderam um bom dinheiro. “Cada banco custa R\$ 50, as mesas saem por R\$ 100 e o pula-pula, R\$ 150. Vendo, por semana, cerca de 20 bancos, cinco mesas e um pula-pula”, explica Mazinho, que conta com a ajuda do pai e do irmão na pequena linha de produção.

O Brasil do futuro é verde

Nesse novo modelo de desenvolvimento, que preza pelo sustentável,

está inserida a assessora de comunicação Amanda de Souza Furlan, de 36 anos. Ela decidiu se dedicar a um nicho específico que atendesse essa necessidade de transformação e reunisse suas paixões: o consumo consciente. A assessora descobriu a economia sustentável e seus benefícios para o planeta e para a comunidade. “Minha principal motivação para desenvolver ações ligadas ao consumo consciente é a satisfação de fazer parte de iniciativas que eu acredito serem importantes na construção de um mundo mais humano e justo”, esclareceu Amanda.

Atualmente, Amanda coordena o Magazine Desapego, que tem como proposta semear valores sustentáveis e estimular o público a repensar os hábitos de consumo, promovendo uma experiência real de trocas a partir de uma moeda inventada. “O público é convidado a trazer seus desapegos nas datas de coleta das peças. Cada participante deve trazer peças portáteis em bom estado e recebe um “vale-tostões”, ou seja crédito em moeda própria. O projeto é uma oportunidade para estimular adultos e crianças a praticarem o desapego, e entenderem que as trocas também configuram uma prática sustentável”, finalizou. ■



Magazine do desapego semeia valores sustentáveis

O BEM QUE CONTAGIA



Sá recolhe os lixos das ruas da zona sul

MORADORES SE MOBILIZAM PARA CUIDAR, POR CONTA PRÓPRIA, DAS ÁREAS PRÓXIMAS ÀS SUAS RESIDÊNCIAS EM RIBEIRÃO PRETO. O EXEMPLO DE UM INFLUENCIA A ATITUDE DO OUTRO, FORMANDO UMA CORRENTE DA SUSTENTABILIDADE

Gustavo Tonetto

Fotos: Gustavo Tonetto

Quem limpa a cidade? Como é feita a preservação do ambiente próximo às residências? Você conhece os heróis sustentáveis? Em Ribeirão Preto, moradores se organizam e realizam voluntariamente ações sustentáveis que cuidam do meio ambiente perto das casas, ruas e bairro onde moram.

Assim faz o aposentado Francisco Palaço, de 81 anos, que disse ter começado a cuidar do bairro Campos Elíseos, na zona norte da cidade, após notar que o local ficava sempre sujo. "Ninguém limpa nada, então, eu limpo tudo. Aqui perto, tem uma escola. Até em volta dela eu limpo, para deixar tudo bonito para as crianças, para os pais e para os moradores".

O aposentado contou que há 12 anos cuida do meio ambiente próximo à sua casa. Palaço declarou que todos os dias limpa a rua em que vive e também as vias públicas próximas, mas a principal contribuição foi cultivar árvores nesses locais. "Eu plantei todas as árvores que têm aqui na rua. Hoje, todas estão grandes. É uma emoção imensa poder ver todas assim".

Para o aposentado, a realização dessa ação sustentável transforma não só a rua em que ele vive, mas toda cidade. Por meio do trabalho voluntário diário, Palaço incentivou outras pessoas a fazer o mesmo. "A minha vizinha me ajuda bastante. Procuo sempre influenciar os outros", disse o morador.

Da mesma forma que Palácio, o arquiteto e urbanista Carlos Alberto Cordeiro de Sá Filho, de 43 anos, limpa sempre os arredores do apartamento em que mora no bairro Vila do Golfe, na zona sul de Ribeirão Preto. Sá Filho contou que desde que mudou para o local, há dois anos, passou a cuidar da limpeza urbana próxima à residência, andando com sacolas para juntar todo lixo que encontra pelas ruas.

Para o arquiteto e urbanista, fazer esse trabalho voluntário é uma forma para melhorar o ambiente sem reclamar. “Eu não dou conta de ficar só reclamando das coisas e não fazer nada para mudar o que me incomoda. Na primeira caminhada que dei no bairro, vi a quantidade de lixo jogado na beira dos apartamentos e nos jardins. Peguei uma sacolinha plástica da rua mesmo e fui juntando o que deu. Tenho feito isso, desde então”.

Segundo o morador, a ação sustentável incentiva as pessoas a se preocuparem com o que deve ser feito com o lixo. “Se há lixo jogado, quem não tem cuidado sente estimulado a jogar mais. Menos lixo é mais saúde, mais beleza e um estímulo à preservação. A mata e os animais também agradecem”.

Revitalização

A empresária Amparo Bello Potel,

“AS AÇÕES TÊM COLABORADO PARA MELHORAR AS CONDIÇÕES AMBIENTAIS COMO UM TODO”

JULIANA HERNANDEZ
BIÓLOGA



Amparo planta árvores em torno da Lagoa do Saibro

de 56 anos, realiza uma ação sustentável. Porém, essa mobilização movimentou diversas pessoas no bairro Jardim Interlagos, na zona leste de Ribeirão Preto. A empresária, em conjunto com a vizinhança, revitaliza desde 1994 a Lagoa do Saibro.

De acordo com a moradora, o propósito dessa ação é manter viva a lagoa, que antes, segundo ela, estava abandonada pela Prefeitura. “O objetivo é proteger a nascente do aquífero e a natureza, garantir mais segurança e permitir que as crianças utilizem o espaço com mais segurança”.

Segundo Amparo, o que faz o mutirão continuar sendo feito é a esperança de construir um futuro melhor para toda a sociedade. “Nós não cuidamos da lagoa simplesmente, porque vivemos no entorno, nós nos esforçamos pois sabemos da importância dela para toda a população e para o meio ambiente”, comentou a empresária. Amparo disse que a ação sustentável mobilizou muitas pessoas a fazerem o mesmo e conscientizou os moradores. “Hoje, graças a várias pessoas comprometidas com

o meio ambiente, possuímos um grupo maior que ajuda na preservação da lagoa”.

De acordo com a bióloga Juliana Hernandez, de 30 anos, mobilizações sustentáveis beneficiam a saúde dos moradores e a paisagem dos locais que passam a ser preservados. “As ações têm colaborado para melhorar as condições ambientais como um todo. As pessoas passam a ser influenciadas para cuidar mais da área. Se torna uma educação ambiental”.

Juliana comentou que as ações do arquiteto e urbanista, e do aposentado por serem iniciativas pessoais a população não percebe a transformação que faz na rua ou no bairro. “Ações pontuais são importantes, mas se não são interligadas com uma mobilização maior, vai ficar apenas com a população mais próxima. Entretanto, como um todo, está beneficiando o planeta inteiro”, declarou. ■

GENTE QUE FAZ O BEM

MORADORES DE RIBEIRÃO PRETO SÃO EXEMPLOS DE CIDADANIA COM PEQUENAS ATITUDES DIÁRIAS QUE DÃO ESPERANÇA DE UM MUNDO MELHOR E MAIS SUSTENTÁVEL

Danielle Nader

Fotos: Danielle Nader

Pensar em um mundo melhor e mais sustentável é pensar no ser humano como dono das suas escolhas. É fato que todos nós dependemos dos recursos que a natureza oferece como o ar, a água e a terra, mas o termo consumo consciente anda de mãos dadas com o bem-estar social. Isso significa que, se quisermos fazer nossa parte precisamos preservar o mundo que temos não só para a nossa geração, mas também para as futuras.

Boa parte das pessoas prejudicam o meio em que vivem com pequenos hábitos diários. Por exemplo, ao andar com seu próprio carro você contribui com 4,3% do total de emissões, segundo o Sistema de Estimativa de Emissões de Gases de Efeito Estufa (SEEG). Caso estivesse em um transporte coletivo, a porcentagem já cairia para 1,7%.

O hábito dos brasileiros de ter estoque de comida excessivo e comprar alimentos sem necessidade resulta em 40 mil toneladas de alimentos descartados por dia. Se essa perda fosse um país, o Brasil seria o terceiro maior do mundo por emissão de gás de efeito estufa, ficando atrás apenas da China e Estados Unidos.

A queima de combustíveis para a geração de energia é o item mais poluente. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), atualmente 54% da população mundial vive em zonas urbanas.

O fato é que o aumento da população e da expansão industrial trouxe também como consequências o aumento do consumo dos recursos, a contaminação e a degradação dos ecossistemas.

Para 60% dos consumidores brasileiros entrevistados em uma pesquisa feita pela Akatu em 2012 felicidade significa ter saúde e bom convívio social. O segredo para atingir esse resultado é a tão famosa iniciativa. Se cada um fizer sua parte, de pouquinho em pouquinho chegamos lá. E tem gente que já está fazendo bonito por aí.

Aos frequentadores do bairro Campos Elíseos, em Ribeirão Preto, atenção: podem esbarrar com o Martins por aí. Com 52 anos, não só utiliza a bicicleta nas horas vagas como atividade física, mas também como meio de transporte. Diariamente ele percorre cerca de 50 km. "Descobri o fascínio de pedalar ainda na minha infância", conta Martins, que

brincava na bicicleta dos colegas. Logo que conseguiu adquirir uma, ainda na adolescência, não desgrudou. “Passei a usar como meio de transporte da minha casa nos Campos Elíseos ao meu primeiro trabalho, no centro da cidade”.

Com a habilitação em mãos e o “conforto” do carro como “segurança” e meio de transporte, Martins deixou a bike de lado, mas a história não acaba por aí. “No final do ano passado por necessidade, precisava colocar meu carrão na oficina para uma revisão, então voltei a pedalar, de casa ao trabalho, e da faculdade pra casa”, conta.

E aí o que era pra ser provisório acabou por se tornar rotina. José Carlos Martins trocou de vez o carro pela bicicleta. O que antes era usado apenas para lazer virou indispensável pelos benefícios que traz como meio de transporte para o meio ambiente e para a saúde. “Certamente, com essa decisão, hoje, meu carro fica empoeirado na garagem”, brinca.

Por outro lado, o fator segurança é importante e não deve ser deixado de lado. Muitas pessoas não usam o meio de transporte e lazer pela falta de ciclovias, mas Martins, já craque pelas ruas de Ribeirão, dá a dica: “o segredo é que uso vias secundárias para me locomover, e em caso de necessidade de andar nas avenidas, me mantenho sempre à direita, alerta ao trânsito de veículos, respeitando fielmente a toda sinalização.”

Além de usar a bike como meio de



Martins descobriu o prazer de pedalar

transporte, ele aproveita o percurso para colocar o exercício físico em dia e melhorar o condicionamento físico, o que transforma a atividade em diversão. “Redescobri o prazer de pedalar. Digo prazer porque a sensação de ir e vir à hora que quiser é fantástica, sem contar com a economia financeira e a satisfação por não estar agredindo a natureza. Estou fazendo a minha parte”, conclui.

Outro grande responsável pela poluição na atmosfera é a queima de madeira, que libera gases como o gás carbônico (CO₂) e o óxido de nitrogênio (NO_x). A madeira é um dos recursos naturais mais abundantes do Planeta. São diversas as utilidades que o ser humano encontrou para ela. É aí que surge o hobby do jornalista Dirceu Martins, que há pelo menos 15 anos transforma peda-



Dirceu transforma pedaços de madeira em obras

ços de madeira, até então, sem nenhuma utilidade aparente, em móveis para casa, e peças de decoração. “Eu acho a madeira um material sensacional que pode e deve ser reaproveitado”, conta ele.

Mesas, estantes, cadeiras, objetos de decoração, espelhos, portas, coisas, até uma casa na árvore ele já fez para os filhos. Ele se dedica sempre que pode aos finais de semana, em seu tempo livre. A sua última grande obra foi uma mesa para petiscos que demorou cerca de dois meses até ficar pronta.

“O processo é demorado, porque tem que lixar, envernizar, enfim, são muitos detalhes”, explica. Vale lembrar que, para ele, nada é planejado, os objetos vão tomando formas e as ideias vão surgindo. Por conta de sua iniciativa e talento muitos conhecidos passa-



Casal modificou a paisagem do Raya

ram a doar materiais, inclusive, pedaços de madeira que sobram em obras ou que tem guardados. “Elas me perguntam se aceito encomendas, mas eu não aceito, porque eu nunca sei o que cada pedaço de madeira vai virar”, finaliza. E os exemplos não param por aí.

Um casal apaixonado por orquídeas, faz bonito ao fascinar os olhos dos moradores da região Sul de Ribeirão Preto. Aylton Carlos Rodrigues e Marta Rodrigues, desde que mudaram para a cidade,

há cerca de quatro anos começaram um projeto que atraem admiradores não só na Rua Siro Kaku, onde moram, mas os visitantes do Parque Carlos Raya.

O casal começou aos poucos. Primeiro plantaram as orquídeas no jardim do prédio onde moram. Com o sucesso do resultado, expandiram o trabalho por toda a rua. Mas, não satisfeitos, o percurso aumentou mais cinquenta metros, até chegar no Parque Carlos Raya, que também foi todo

presentado. As orquídeas são colocadas e plantadas nos troncos das árvores e presas por uma faixa de fibra que permitem com que elas respirem e cresçam.

Não é raro ver famílias passarem enfeitadas com as flores que chamam de longe atenção pela abundância das cores. “Gostamos muito de ver isso. É um trabalho que estamos fazendo há um tempo. Até hoje, plantamos pelo menos 200 orquídeas, mas nosso objetivo é chegar as 500”, projeta entusiasmado o aposentado Aylton Carlos Rodrigues. O trabalho é feito pelo casal todos os finais de semana. “Mais do que plantar, as plantas precisam de manutenção, precisam de água para crescer saudáveis, então existe todo um cuidado”, explica Marta Rodrigues.

Para o casal, plantar orquídeas se tornou um passatempo, uma forma de integração com a natureza. “E esse resultado que você vê aí, todas as flores cheias e saudáveis é como se nos dissessem: Olha pra mim, olha eu aqui, eu estou bem”, se orgulha o marido, Aylton Carlos Rodrigues.

Muitas das orquídeas são doadas. O objetivo deles é que esse projeto voluntário, que é feito com muito amor, se torne um orquidário comunitário, onde outras pessoas, outras famílias e até, outras gerações adquiram o hábito de plantar e cultivar. “Nós não ganhamos nada com isso. É aquela história, quem faz o que gosta, não trabalha um dia sequer”, conclui. ■

OS ALIMENTOS AGROECOLÓGICOS DO MST

FAMÍLIAS DE ASSENTADOS COMERCIALIZAM CESTAS DE PRODUTOS SEM AGROTÓXICOS EM RIBEIRÃO PRETO

Gilsimara
Cardoso

Fotos: Gilsimara
Cardoso

O Assentamento Mário Lago, próximo ao bairro Ribeirão Verde, zona leste de Ribeirão Preto, utiliza um sistema sustentável na produção de alimentos sem agrotóxicos que são comercializados para garantir o sustento de famílias do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra).

As famílias do assentamento cultivam alimentos em conjunto com a floresta, um sistema chamado agroflorestal que se baseia no plantio de legumes e de hortaliças junto a árvores frutíferas e nativas da região. Essa policultura ocupa um espaço territorial menor que as plantações tradicionais e não causa danos ao solo.

A animadora sociocultural Christine Bugnon, 34, que nasceu na Suíça, mora no Assentamento Mário Lago desde 2012, fez uma visita ao município paulista Barra do Turvo, modelo de sustentabilidade nacional. Lá, aprendeu a cultivar alimentos agrícolas preservando a floresta.

Nesse sistema, todo manejo da terra é realizado principalmente de forma manual, o que difere

dos modelos tradicionais que utilizam máquinas pesadas, adubos químicos e queimadas. “Na agrofloresta, o agricultor cultiva uma diversidade de alimentos em uma área menor e as folhas das árvores da floresta servem de adubo para o solo”, enfatiza Christine.

Entre outros benefícios, o plantio agroflorestal ajuda o agricultor a permanecer no campo e a comercializar produtos sustentáveis. “Esse modelo muda a estrutura da cobertura do solo e o ciclo de produção. O solo fica coberto e o regime hídrico se altera. A terra serve de habitat para fauna e ajuda na dispersão das espécies”, afirma a agrônoma Aruana Vargas Couto, que realiza há mais de seis meses no Assentamento uma pesquisa para UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina).

No Assentamento Mário Lago, o Centro de Formação Socioagrícola Dom Hélder Câmara do MST, em parceria com a Secretaria do Meio ambiente, criou o projeto Renascer das Águas do Aquífero Guarani, que objetiva capacitar os agricultores e reflorestar uma



Foto de divulgação - Produtos da cesta do assentamento Mário Lago

área de 40 hectares devastada pelo plantio da cana-de-açúcar.

Arelado a esse projeto surgiram as cestas agroflorestais que garantem a comercialização dos produtos sustentáveis e ajudam na renda de cerca de 30 famílias do movimento.

De acordo com agricultora familiar, Jesuíta Correa Batista Pereira, 48 anos, esse comércio representa apenas 5% do plantio de hortaliças e frutas que cultiva no quintal, sendo que, 95% é direcionado para um programa federal que compra os alimentos para instituições de caridade. "O governo reembolsa agente, só que é um valor muito abaixo do mercado, e demora em média cinco, seis meses para fazer o pagamento. A cesta veio ajudar a gente a ter um pagamento mensal, dar para manter a casa, compro arroz, feijão e remédio", acrescenta Jesuíta.

Essas cestas vendidas, mensalmente, possuem dois valores: a cesta pequena que custa R\$ 130 e a grande que custa R\$ 180. Esses valores dão direito ao consumidor de receber quatro cestas mensais,

sendo entregue uma por semana que contém de 8 a 11 itens, de acordo com a época de cada legume, hortaliça e fruta.

O cliente é educado a se alimentar com produtos naturais da região sem nenhum tipo de aceleração na produção, isso ocorre porque a cesta é montada de acordo com a época de colheita de cada orgânico. "Tem semana que vai ter mamão, outra manga, vai depender da natureza de cada espécie", explica Christine.

A lista de alimentos de cada semana é divulgada na internet, geralmente acompanhada por uma receita culinária, para ajudar o consumidor a conhecer melhores hortaliças e variar o cardápio.

São entregues em média 80 cestas por semana, o cliente escolhe o ponto de distribuição e assina uma lista quando retira. Para o educador Fluvio Lermano, que compra a cesta desde de 2014, a qualidade de atendimento melho

Plantação agroflorestal no lote de Jesuíta Correia





Christine Bugnon e a filha Maia colhendo tomate cereja na agrofloresta

ra a cada dia. “Aconselho sempre aos meus amigos a se tornarem coprodutores”.

O educador também defende a causa sustentável e a parceria com os agricultores do assentamento. “Consumir produtos agroflorestais não se restringe a melhorar a alimentação, significa fortalecer cadeias curtas, economia solidária e local, cuidar do meio ambiente, da fertilidade do solo, das águas como bem comum. Significa conhecer e criar laços e parcerias profundas com os agricultores que nos alimentam”, explica Fluvio.

A logística

Existe uma equipe de implantação dentro do assentamento que visita os lotes e entrega aos interessados um kit que contém sementes, mudas e materiais para irrigação. O agricultor tem que frequentar as reuni-

ões que ocorrem toda segunda-feira. Lá, são apresentados a quantidade de cestas vendidas, e todas as novidades de plantio e cursos que estão à disposição dos assentados.

Os agricultores definem quais alimentos estarão prontos para colheita. É decidido o que cada produtor deve trazer, à noite o conteúdo da cesta é divulgado em rede social.

No dia seguinte, na terça pela manhã os alimentos são colhidos, pesados e embalados devidamente em sacolas retornáveis para o transporte em veículo refrigerado. No mesmo dia, as cestas são distribuídas para os consumidores.

Em Ribeirão Preto, existem cinco pontos de distribuição que estão divulgados no Facebook Cestas Agroflorestais, onde também há um link para realizar o cadastro e obter informações sobre as ces-

tas. Christine é responsável pelas publicações e atendimentos via internet.

A animadora também constrói na humilde e confortável residência, à beira da floresta, um mapa que mostrará o espaço populacional do Assentamento Mário Lago, em cima do Aquífero Guarani. A propriedade é um dos 264 lotes, resultado da ocupação da Fazenda da Barra realizada pelo MST em 2003.

Segundo Christine, o mapa especificará o espaço geográfico ocupado pelo Movimento Sem Terra. Para permanecer no local, os assentados têm que reflorestar 35% de uma área com cerca de 1540 hectares. “Não é fácil plantar tanta árvore num espaço tão extenso, fazemos o reflorestamento lote a lote”, afirma Christine.

Uma outra preocupação que aflige a animadora é a apresentação de ideias economicamente sustentáveis que saiam do assentamento para a sociedade. “Estou plantando uma semente, minha obrigação é transmitir meus conhecimentos. Essas pessoas não tiveram as mesmas oportunidades que eu, a sociedade precisa olhar diferente para esses movimentos sociais”, completa. ■

PARQUES REVELAM DESIGUALDADE SOCIAL

O CUIDADO QUE A
PREFEITURA TEM
COM OS PARQUES
DA CIDADE
DEMONSTRA A
PRIORIDADE DAS
ZONAS

Marina Marzola

Fotos: Marina
Marzola

Matoalto, alambrados retorcidos e guarita da Guarda Civil Municipal sem nenhum vigilante. O Parque Tom Jobim tem mais de 63 mil m² e fica na região oeste da cidade de Ribeirão Preto. A área não é classificada como um lugar seguro pelos próprios usuários que sentem medo de frequentar o parque depois que escurece. Segundo moradores, durante à noite, o local se torna reduto de mendigos e de usuários de drogas.

Maria Regina Catalão, moradora da mesma rua em o parque se localiza, tem medo de frequentar depois das 18h. "Não há como levar meus netos para brincar. Eu me sinto constrangida com a presença deles", disse ela, referindo-se aos grupos que se reúnem no parque para o usar drogas. Além disso, o Tom Jobim não oferece banheiros públicos à população e não tem

Parque Roberto de Melo Genaro está fechado há seis meses



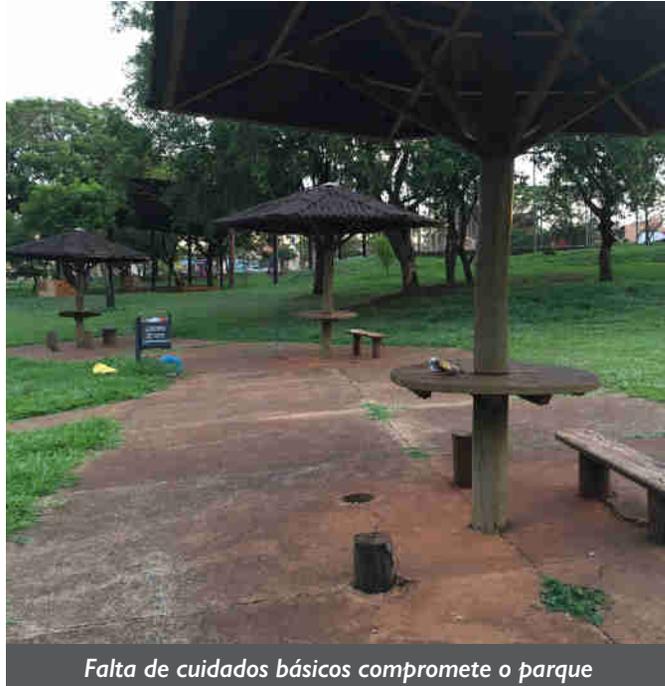
administração ou cantina. Há um vestiário quebra-galho; em um campo de futebol próximo que salva os visitantes na hora do aperto.

Do outro lado da cidade, o Parque Roberto de Mello Genaro, na avenida Caramuru, na zona sul está fechado há seis meses, depois de um deslizamento de pedras. Apesar de possuir uma extensa área total de 11 mil m² e um lago natural, esse espaço de lazer não recebe manutenção, fica fechado e não pode ser usado pela população. Rosa Maria Oliveira mora a 300 metros do local e reclamada precariedade do espaço.

“Este parque deveria ser uma opção de lazer para todos que moram por aqui, mas não é o que acontece. O pessoal dessa região, se quiser caminhar, tem que ir até o Tom Jobim”, diz ela.

O Parque Curupira, o segundo maior parque da cidade, tem nome de ex-prefeito, Luiz Roberto Jábali e está localizado na zona sul, próximo aos bairros nobres da cidade, mas mesmo assim os usuários reclamam da falta de iluminação durante à noite. Larissa Castro elogia o horário de funcionamento do parque, mas está descontente com a manutenção. “É muito legal praticar esportes após o trabalho. O parque fica aberto até 20h, mas não podemos aproveitar todas as áreas, pois em vários pontos as lâmpadas estão queimadas”, disse a estudante.

Já o Parque das Artes, também na zona sul, foi construído pela iniciativa privada. O grupo Multiplan, administrador e controlador do Ribeirão Shopping, investiu três milhões de reais no parque. A manutenção



ocorre de forma mista, parte é executada pela a empresa privada e parte pela Prefeitura de Ribeirão Preto. Os serviços de limpeza e jardinagem são realizados pelos presos do regime semiaberto. A família do metalúrgico Moacir Teles faz piqueniques no parque desde a inauguração. A neta Bianca, de cinco anos de idade, adora o passeio. “Venho quase todos os domingos com meus netos. Este parque é bonito e é muito bem cuidado. Para quem mora em apartamento é ótimo poder vir aqui”, declarou Moacir.

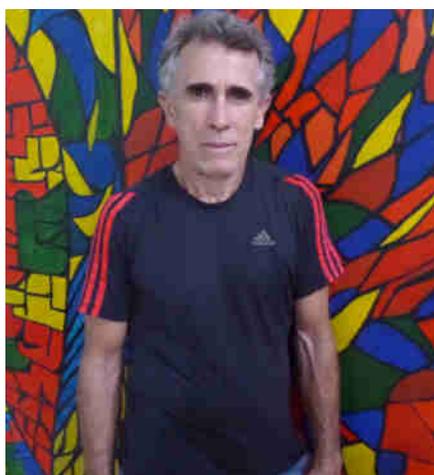


PEQUENAS ATITUDES E GRANDES TRANSFORMAÇÕES

**A ONU RECOMENDA
QUE UMA CIDADE
TENHA DE 20% A
45% DE COBERTURA
ARBÓREA,
DISTRIBUÍDA
HOMOGENEAMENTE,
MAS RIBEIRÃO
PRETO POSSUI
APENAS 23%**

Laís Abbade

Fotos:
Laís Abbade
/ Alaor Sareta



Alberto colabora plantando árvores na cidade

Em Ribeirão Preto, atualmente não há um censo que demonstre a distribuição de árvores na cidade. Porém, de acordo com o último levantamento realizado em 2012, a cidade conta com 23,58% de cobertura arbórea. Segundo a Secretaria Municipal de Meio Ambiente, essa porcentagem corresponde a 41 metros quadrados por habitante.

Com isso toda ação, gera uma reação. E o cabeleireiro Alberto da Silva vendo a situação da cidade, aderiu o papel de fazer a diferença e colaborar por conta própria plantando árvores. Ele começou em 1993, quando teve a ideia de plantar a primeira árvore pela cidade. Silva explica que não foi tão fácil, “no começo eu plantava poucas árvores.

E quando plantava, colocava as folhas caídas para fazer adubo e o pessoal da prefeitura tirava tudo e quando ia fazer a poda da grama, cortava as mudas também”. E foi assim por alguns anos, vivendo nesse impasse entre plantar e replantar no mesmo lugar.

Esomente há 15 anos é que ele conseguiu ver o resultado, através da arborização realizada na rotatória do Estádio Palma Travassos. Alberto relata à proporção que tomou e que teve dois fatores importantes nessa plantação. Além da quantidade de árvores plantadas na rotatória e suas imediações, cerca de 200 árvores, todas são frutíferas. E que foi feito de caso pensado. Assim a população seria beneficiada em dose dupla. Porque além de poder desfrutar da sombra em ter mais área verde na cidade, as frutas podem ser consumidas. Assim até os moradores de rua, podem aproveitar dessa iniciativa.

Outro cidadão do bem que está comprometido com a sustentabilidade é o empresário Alaor Sareta, que tem

uma empresa de reciclagem. Ele dá vida ao entulho de construção civil. "As pessoas enxergam como lixo, se trocar o L pelo R e o X pelo C, vai ficar rico é como euvejo, por que tudo pode ser reciclado, esse material é rico, o que quiser ele faz". Sareta transforma o entulho em blocos, piso e até objetos de decoração. Como propósito de tentar fazer um mundo melhor para os seus filhos, não só para eles, mas para todos.

Se cada habitante, não se conscientizar em fazer a sua parte, não estarão os recursos naturais para ninguém, isso inclui principalmente a água. E quem vive sem água? São muitas as atitudes sustentáveis que podem mudar essa realidade e está ao alcance de cada um de nós.

Por pensarem todos esses problemas, Alberto procurou a forma mais acessível para contribuir. Ao descobrir o déficit de área verde em que temos na cidade, ele se conscientizou "Se tiver 5 metros quadrados de área verde por habitante é muito". Com mais de 2.000 mudas de produção próprias plantadas, ainda assim não é o suficiente, e ele quer mais. Mas sabe que de pouquinho em pouquinho já faz alguma diferença.

De acordo com Organização Mundial da Saúde o correto é ter 12 metros quadrados de área verde por habitante na cidade. Por conta de leis mais direcionadas à conservação ambiental, ou ainda em razão da conscientização de que a escassez de recursos naturais já é uma realidade e compromete a qualidade de vida e o futuro do ser humano no planeta, nos resta fazer ainda muito.

Já Alaor relata que começou a pensar mais na sustentabilidade e a reaproveitar tudo por conta da necessidade, vendo como o planeta está e como as pessoas têm consumido cada dia mais. Afirmo que "a necessidade faz as coisas".

Há 12 anos ele vem contribuindo com o planeta com a reciclagem de entulhos sólidos oriundos da construção civil. Ele aproveita tudo, os materiais são separados em três classificações: Marrom que é material sujo, um bom exemplo é quando você mói a telha ela fica



Alaor, faz reciclagem do entulho de construção civil

marrom, o tijolo baiano é marrom, por vir junto com outros materiais e conter terra ele não dá muita resistência, ex: telhas, o cal, com terra. Depois temos os médios, que também tem um pouco de telha e concreto Branco, o terceiro é o concreto puro. "Esse é fantástico, porque dá mais resistência" exalta Alaor.

Através da areia, pedra e cimento reaproveitável ele faz piso intertravado, blocos de pneu moído, piso grama, piso tacha (para deficiente visual). Com o pó de mármore, ele conseguiu fazer piso estilo porcelanato e até gesso que ninguém achava uma solução. As guias pintadas em Ribeirão Preto são utilizadas 50% gesso moído e 50% cal que faz a tinta. Você não vai acreditar mais até veneno, ele conseguiu ver uma utilidade e transformá-lo em tinta.

Alaor se orgulha em poder colaborar com a cidade e ajudar o meio ambiente. "O bom de fazer não é o pego, é por fazer a diferença". E todos também agradecem a atitude deles. Se nascesse mais seres humano como o Sareta e o Alberto por ano, o planeta estaria salvo.

São essas pessoas preocupadas com o planeta em vivemos e que através de pequenas atitudes fazem a diferença, por seus filhos, por você, por todos nós. Através da conscientização de como nosso planeta se encontra, aliado as atitudes colaborativas como essas que fazemos no dia a dia, é que iram fazer a diferença em nossas vidas.

Se todos se conscientizarem que o planeta precisa de ajuda e que nós somos os únicos responsáveis por ele, e que tudo depende somente da nossa força de vontade. É possível reduzir esse impacto e desacelerar todo o processo, mas é preciso que isso comece urgentemente e com você.

**DE ACORDO COM
ORGANIZAÇÃO MUNDIAL
DA SAÚDE O CORRETO
É TER 12 METROS
QUADRADOS DE ÁREA
VERDE POR HABITANTE
NA CIDADE**

PROBLEMAS DO SÉCULO

ATUALMENTE, O MEIO AMBIENTE É O QUE MAIS SOFRE PELA AÇÃO HUMANA, NA RETIRADA DE COMMODITIES DA NATUREZA

Paolla Yoshie

Foto: Paolla Yoshie

A intensificação da industrialização é uma das causas que aumenta, gradativamente, os problemas ambientais. Segundo o Greenpeace, o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais e o Met Office Hadley estimou que o volume de chuvas na Amazônia poderá diminuir de 11% a 41%, por causa das mudanças climáticas. A atual situação pode condenar a existência dos seres humanos na terra. As causas e as problemáticas são diversas e preocupam ambientalistas e uma parcela da população. Manoel Eduardo Tavares Ferreira, engenheiro agrônomo, fundador e presidente da Associação Cultural e Ecológica Pau-brasil analisa a questão ambiental:

REPÓRTER- Qual maior problema ambiental deste século?

MANOEL TAVARES– Acredito que são as mudanças climáticas. O principal problema é o aquecimento global. As pessoas têm muita mania, até os brasileiros, de achar que não são responsáveis por grande parte do aquecimento global, mas não é verdade. Hoje, o Brasil é o quarto país que mais polui no mundo, ficando atrás dos Estados Unidos, China e toda Europa. Então, nós somos os grandes poluidores. Esses países geram emissão de carbono em função da indústria, principalmente na geração de energia elétrica, pois são altamente industrializados. Aqui o nosso maior vilão é a agropecuária. Das emissões de carbono no Brasil, 70% vêm da agropecuária. E depois vem a questão do desmatamento, das queimadas e da criação de gado.

REPÓRTER- Na região de Ribeirão Preto a principal cultura é cana-de-açúcar. Qual o impacto para essas cidades?

MANOEL TAVARES - Na verdade, o clima se alterou muito. Por exemplo, eu trabalho com apicultura. Há

30 anos, nós tínhamos 25% de cobertura florestal nativa, na região e no município. Hoje, temos menos de 5%. Com isso, praticamente todas as abelhas foram extintas, em função de não ter mais campo para elas. Atualmente, temos mais abelhas dentro da cidade do que no campo. Essa monocultura acabou, praticamente, com toda biodiversidade da região.

REPÓRTER- Ribeirão Preto se abastece do Aquífero Guarani. Como a falta de florestas prejudica o manancial?

MANOEL TAVARES – As pessoas têm conceito errado, de que esse reserva de água é imensa e inesgotável. Por isso, a gente pode usar água a vontade, mas não é assim. O aquífero é muito lento, como ele está passando a água em uma rocha porosa extremamente fechada, demora muitos anos para baixar um metro. Estamos hoje retirando muito mais água do que nossa recarga local. Essa recarga é importante para o abastecimento da cidade, e quando essa área está coberta de floresta e de mata, a água infiltra no solo e vai atingir o aquífero, principalmente nas áreas de recarga, onde ele praticamente está aflorando. Em algumas áreas, temos lutado muito para preservar, mas isso não tem acontecido. O que a gente vê é o rebaixamento violento de todos os poços com quase 70 metros. Quando a água começou a ser extraída em Ribeirão Preto, muitos poços tinham pressão natural. A cidade fica em uma depressão, e quando perfura o poço, a água saía naturalmente. Hoje, todos os poços estão com 70 metros de rebaixamento e segundo especialistas das áreas,



Segundo o ambientalista, hoje temos mais abelhas na cidade que no campo

“HOJE, TODOS OS POÇOS ESTÃO COM 70 METROS DE REBAIXAMENTO E SEGUNDO ESPECIALISTAS DAS ÁREAS, DENTRO DE 20 ANOS NÓS NÃO TEREMOS ÁGUA”

dentro de 20 anos nós não teremos água.

REPÓRTER- qual a ligação dos problemas ambientais causados pelo ser humano na vida urbana?

MANOEL TAVARES – Nas cidades, temos um reflexo direto. Aqui em Ribeirão Preto, a gente atravessa períodos de ar muito seco, com muita poluição atmosférica. Quase todas as pessoas ficam doentes. Esse problema é causado, principalmente, pela falta de árvores, de cobertura florestal que mantém o ciclo de umidade das chuvas. Eu sou agrônomo, quando eu me formei a gente sempre plantava milho em setembro. Setembro, hoje, não chove mais. Agora, passa a chover em novem-

bro. Houve uma alteração completa de clima na região e isso afeta profundamente outras pessoas. As áreas verdes, dentro da cidade, não têm efeito só estético, elas têm o efeito muito importante para a saúde, de purificar o ar, de aumentar a umidade, principalmente nessas épocas do ano de agosto, setembro e outubro.

REPÓRTER- Em quando tempo seria necessário para recuperar o meio ambiente?

MANOEL TAVARES– A cada ano que passa isso vai ficando mais difícil. Estamos chegando ao limiar na qual teríamos de parar agora e começar a trabalhar urgente nisso. Vai chegar a um ponto que não vai ter mais. Cada ano que passa, a temperatura da Terra está subindo e se tem menos água disponível, até para plantar a própria floresta de volta. Com os recursos usados para fabricar bomba e fazer guerra, dá para recuperar o meio ambiente. Dentro de 20 anos, teríamos uma Terra totalmente recuperada, ainda daria tempo, mas se demorar muito mais não dará.

TAPA-BURACO SUSTENTÁVEL

ALUNOS DE ENGENHARIA CIVIL DA UNAERP CRIAM MÉTODO NOVO, SUSTENTÁVEL E DE BAIXO CUSTO PARA TAPAR BURACOS

Carolina De Santi

Foto: Carolina De Santi

Se o buraco nas ruas já virou um “problemão” para todo ribeirão-pretano, para os estudantes do curso de Engenharia Civil da Unaerp se tornou uma oportunidade para o desenvolvimento de um projeto que, além de sustentável, contribui para o aprendizado dos alunos e para o conforto e segurança de quem está no volante.

O Sistema de Recuperação de Pavimento (S.R.P.) objetiva melhorar a qualidade do solo. A primeira atividade estudada e praticada foi a de tapa-buraco. O método utiliza o desperdício de resíduos sólidos da construção civil como material principal. Depois de selecionar o que pode e o que não pode ser reutilizado das caçambas, a equipe faz uma pré-análise do buraco e da localidade dele. Adicionam um impermeabilizante para combater a umidade e com o auxílio de um soquete de concreto, os alunos quebram manualmente o entulho e pressionam para dentro do buraco.

Em seguida, utilizam um processo chamado pré-misturado a frio, uma mistura de agregados minerais (brita, pó-de-pedra e filler) e água. Como é a frio, não lida com fogo, o que evita incêndios, explosões e poluições químicas. Além disso, poupa energia por não consumir combustíveis na manipulação, na estocagem e no transporte. Para finalizar, o próprio pneu do carro, ao passar várias vezes em cima do buraco tapado, já faz a compactação e o alisamento.

O professor e coordenador do projeto, Aldo Arouca, garante que o trabalho suportou tranquilamente o tráfego de carros. Para analisar se o processo realmente valia a pena, a equipe realizou alguns testes. “Nós temos uma máquina aqui na Unaerp que faz testes de compressão de até 30 toneladas. Experimentamos no nosso buraco, oito centos mil kilos por metro quadrado. Mudou algo? Não, não mudou nada! Ele é fraco? Não, não é fraco! Baixo custo não significa baixa qualidade”, relata.

Segundo a Associação Brasileira para Reciclagem de Resíduos da Construção Civil e Demolição (Abrecon), os resíduos representam 50% do material desperdiçado todos os dias em decorrência das obras. Ao considerar o descarte irregular do entulho, os danos que esse desperdício provoca ao meio ambiente e a escassez da pedra como recurso natural não renovável em Ribeirão Preto e região, os alunos, já cientes da má conservação do asfalto e da necessidade de manutenção, analisaram o tempo gasto no trânsito e a segurança.

Através de um levantamento sobre as causas e consequências do buraco, os estudantes realizaram os testes com os resíduos da construção civil e concluíram que seriam capazes de resolver o problema de forma sustentável e com baixo custo.

“Temos poucos recursos, mas isso não foi impedimento. A qualidade técnica foi melhorando com a prática. Essa experiência enriqueceu o conhecimento dos estudantes. Nós entendemos que reclamar e jogar o problema para a prefeitura não adiantava mais”, afirma Arouca. O professor explica que o projeto é para uma solução emergencial e também foi criado com o intuito de apresentar à população uma alternativa acessível e praticável por qualquer pessoa, já que não exigem máquinas ou procedimentos complexos. A proposta é incentivar a autoconstrução para que a sociedade civil consiga resolver o problema do bairro de forma simples e independente.

O Sistema de Recuperação de Pavimento realizou o trabalho no quadrilátero da Unaerp e retirou 24 metros cúbicos de caçambas do meio ambiente, o que equiva-

le a três caminhões basculantes toco de resíduo de construção civil. O projeto existe há três anos e é realizado pelos alunos da primeira e quinta etapas do curso de Engenharia Civil da Unaerp. O objetivo é atingir estradas vicinais rurais, ruas e avenidas em bairros carentes e sistema de favelamento. Arouca enfatiza que a função da tecnologia que se desenvolve na Unaerp é para atender primeiro à população mais necessitada.

Pedro Henrique Silva Ferreira está na sexta etapa do curso de engenharia civil e participou do projeto desde o início. “Fui com o maior prazer porque sei que esse tipo de serviço é escasso na cidade. Não basta só a teoria, precisamos da prática.” João Pedro Borges de Oliveira, da mesma etapa, afirma que “o método sustentável é bem diferente. Temos planos para futuro. A ideia é criar uma empresa”.

Tecnologia para atender à população necessitada



A ENERGIA QUE VEM DA CANA

PELO OITAVO ANO SEGUIDO, A BIOMASSA DA CANA-DE-AÇÚCAR É A FONTE RENOVÁVEL LÍDER NA GERAÇÃO DE ENERGIA, REPRESENTANDO 8,83% DO TOTAL DA MATRIZ ENERGÉTICA BRASILEIRA

Alisson Henrique

Foto: Alisson Henrique

Muito mais do que apenas um resíduo da cana-de-açúcar, o bagaço tem se destacado, nos últimos anos, como uma das principais fontes renováveis para produção de energia elétrica. Além de setornarem autossuficientes em energia, as usinas sucroenergéticas viraram também exportadoras de energia para a rede, complementando a geração via hidrelétricas, umas das principais fontes hoje no Brasil, ainda responsáveis por 61,2% da matriz energética nacional.

Para Celso Fiori, gerente de assuntos regulatórios da Granbio, a biomassa será a base da energia renovável nas próximas décadas. “Estas fontes, além de sustentáveis do ponto de vista ambiental, apoiam-se nos principais recursos que países como o Brasil dispõem: área agricultável, incidência solar e experiência agrícola. Países da Europa, da Ásia e os Estados Unidos já criaram mecanismos concretos de valorização e incentivo à substituição de fontes fósseis de energia por fontes renováveis. Neste contexto, a biomassa se apresenta como a principal alternativa para esta substituição”, completa Fiori.

De acordo com dados da Irena (The International Renewable Energy Agency), hoje, o Brasil possui a maior capacidade instalada de geração de eletricidade a partir da biomassa, o que representa 15,3% do total mundial. Na defesa da bioeletricidade, o setor sucroenergético argumenta que o maior uso da matéria-prima ajudaria o país a cumprir as metas traçadas na COP21 (21ª Conferência do Clima), que aconteceu em Paris, na França, em dezembro de 2015. Durante o evento, o Brasil se comprometeu a elevar a fatia de energias renováveis de 15% para 23% da matriz energética até 2030.

Atualmente, o setor sucroenergético responde por 79,2% deste tipo de geração, mas apenas metade das



Biomassa se apresenta como a principal alternativa

355 usinas espalhadas pelo Brasil exporta energia para a rede. “É essencial estabelecer políticas públicas bem estruturadas de longo prazo na gestão do sistema interligado de fornecimento de energia”, afirma Elizabeth Farina, presidente da Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar).

O diretor técnico da Unica, Antônio de Pádua Rodrigues, revela que, pelo 8º ano consecutivo, a cana e os subprodutos lideram o ranking das fontes renováveis usadas no Brasil, ficando à frente das usinas hidrelétricas e das termelétricas por exemplo. “Observa-se que a biomassa da cana alternou o posto de 1º lugar entre as fontes limpas com a hidroeletricidade. A partir

de 2007, assumiu a hegemonia e, hoje, é o carro-chefe da cogeração de energia”, relata Pádua.

O caminho da expansão

Atualmente, há usinas que, além de gerar energia para as sedes, negociam com concessionárias de energia elétrica. O caminho mais curto para a expansão da bioeletricidade vem ocorrendo, nos últimos anos, via leilões regulados de energia. Entre 2004 e 2015, esta fonte conseguiu comercializar energia de 120 projetos que somaram 1.622 MW médios – ou 14.209 GWh para entrega anual.

Uma estimativa da CCEE (Câmara de Comercialização de Energia

Elétrica) mostra que, de janeiro a dezembro de 2015, a bioeletricidade gerou um volume 9% superior para o SIN (Sistema Interligado Nacional), em relação ao mesmo período de 2014. Um volume de energia suficiente para abastecer 11,6 milhões de residências durante um ano inteiro.

Segundo a Unica, o volume de bioeletricidade oferecido ao sistema nacional pode aumentar oito vezes até 2024, tendo por base 2014. Isso se o governo promover leilões de energia voltados à biomassa com preços mais competitivos. “Os leilões são fundamentais. Dão previsibilidade para o contratante, o contratado e o financiador, estimulando o investimento”, explica Elizabeth Farina.

O segmento vem trabalhando para estimular o crescimento da biomassa. Uma das iniciativas é o “Selo Energia Verde”, programa de certificação da bioeletricidade criado pela Unica, que conta com o apoio da Abraceel (Associação Brasileira dos Comercializadores de Energia). Em janeiro deste ano, o programa completou um ano e atingiu a marca de 51 usinas certificadas.

De acordo com a Unica, em 2016, as geradoras certificadas estimam que produzirão para o SIN (Sistema Interligado Nacional) aproximadamente 10 TW/h, volume equivalente a 11,4% da geração total da usina de Itaipu em 2015. “O projeto de certificação contribuirá para divulgarmos cada vez mais os benefícios positivos desta fonte, que além de trazer segurança energética para o Brasil, evita a emissão de CO₂”, conclui Zilmar.



Energia elétrica representa 61% da matriz nacional

SUSTENTABILIDADE NO TRÂNSITO

PORQUE SER SUSTENTÁVEL VAI MUITO ALÉM DE TROCAR O CARRO PELA BIKE

Lígia Boareto

Fotos: Lígia Boareto
e Willian Cruz

Hoje em dia, o conceito de sustentabilidade vem sendo muito discutido nas esferas sociais, políticas e econômicas. Uma das questões levantadas por ambientalistas, sobretudo em ano de eleições, associa sustentabilidade e mobilidade urbana das cidades. Geralmente, quando ouvimos falar em sustentabilidade no trânsito, logo passa pela nossa cabeça trocar o carro pelo transporte coletivo ou por opções não poluentes, como a bicicleta. De fato, essas são medidas relevantes, principalmente quando pensamos nos reflexos da mobilidade urbana no cotidiano das pessoas. Mas será que são as únicas?

Nem todas as cidades estão preparadas e têm condições de oferecer um transporte coletivo de qualidade. Além disso, nem todas as pessoas podem abrir mão

Lavar o carro com água da chuva pode ser uma opção



dos carros particulares. Manoel Tavares, ambientalista presidente da Associação Pau Brasil, explica que “ser sustentável no trânsito vai desde não jogar lixo pela janela do veículo até escolher um modelo de carro que gaste menos combustível”. Isso porque, na maioria das vezes, quanto menor a força do motor e o tamanho do carro, menor o gasto de combustível e as emissões de poluentes. “Há outras opções que também devem ser consideradas. Ainda não é a nossa realidade, mas o carro híbrido, por exemplo, vem ganhando espaço na América Latina. No Brasil, infelizmente, essas opções sustentáveis ainda são muito mais caras”, completa.

Benedito Marcos Barrozo é dono de uma distribuidora de livros. Há alguns anos ele decidiu “abandonar” o carro e começou a ir para o trabalho de bicicleta. Ele conta que o principal incentivo não foi a consciência ambiental, e sim o fato de precisar emagrecer. “Eu estava com sobrepeso e o médico me pediu alguns exames. Fiquei surpreso quando vi que os resultados estavam quase todos bem ruins. Fui diagnosticado com pré-diabetes. Desde então, decidi mudar de vida”, diz o empresário.

Mas hoje em dia, Barroso reconhece a importância sustentável de trocar a bike, um meio de transporte não poluente, pelo automóvel. Ele é, inclusive, um ativista da causa. “Bicicleta é muito mais do que um meio de transporte. É um modelo de vida. É apaixonante. Além de fazer bem para quem anda e para o planeta”, observa.

Priorizar a bicicleta e o transporte coletivo é, sem dú-



Carros e bicicletas dividem o mesmo espaço nas ruas

vida, um importante passo para melhorar a mobilidade urbana das grandes cidades. Porém, nem todos enxergam assim. “Em Ribeirão Preto, vivemos a cultura do carro. O ribeirão-preto não cuida e se preocupa mais com o carro do que com as pessoas. Gasta-se água limpa do aquífero para lavar o carro. É um absurdo isso”, salienta Tavares. Ou seja, quando não é possível abrir mão do carro, devemos, pelo menos, pensar e adotar atitudes sustentáveis que colaboram com a preservação do meio ambiente: lavar o carro com água da chuva; manter os veículos em boas condições de uso e fazer revisão com frequência para evitar vazamento de óleos, excesso de liberação de fumaça e gases poluentes, etc.

Para aqueles que desejam seguir o exemplo de Marcos Barrozo – seja pela saúde, seja pelo meio ambiente – Manuel Tavares dá as dicas: “é importante sempre pensar na segurança. Tanto em termos de violência, quanto na segurança física. Ribeirão Preto não é uma cidade amiga dos ciclistas. Não tem estrutura. O poder público não pensa nos ciclistas. Entendo que, com raras exceções, a bicicleta não é uma alternativa sustentável, ela é uma necessidade por falta de opção”, reflete o ambientalista.

Enquanto Ribeirão não investe em um modelo de mobilidade urbana sustentável, enquanto os políticos não fazem projetos que possam auxiliar na troca do carro pelo transporte coletivo e por opções não poluentes, cabe ao cidadão adotar pequenas medidas para evitar um cenário catastrófico no trânsito e no meio ambiente.



Trevão de Ribeirão Preto melhorou o trânsito na região

BENEFÍCIOS QUE VÃO DO BÓLSO AO MEIO AMBIENTE

USAR CARRO MOVIDO A GÁS TRAZ GRANDES VANTAGENS PARA O PROPRIETÁRIO DO VEÍCULO E AO MESMO TEMPO É UMA AÇÃO SUSTENTÁVEL.

Ana Claudia Lombas

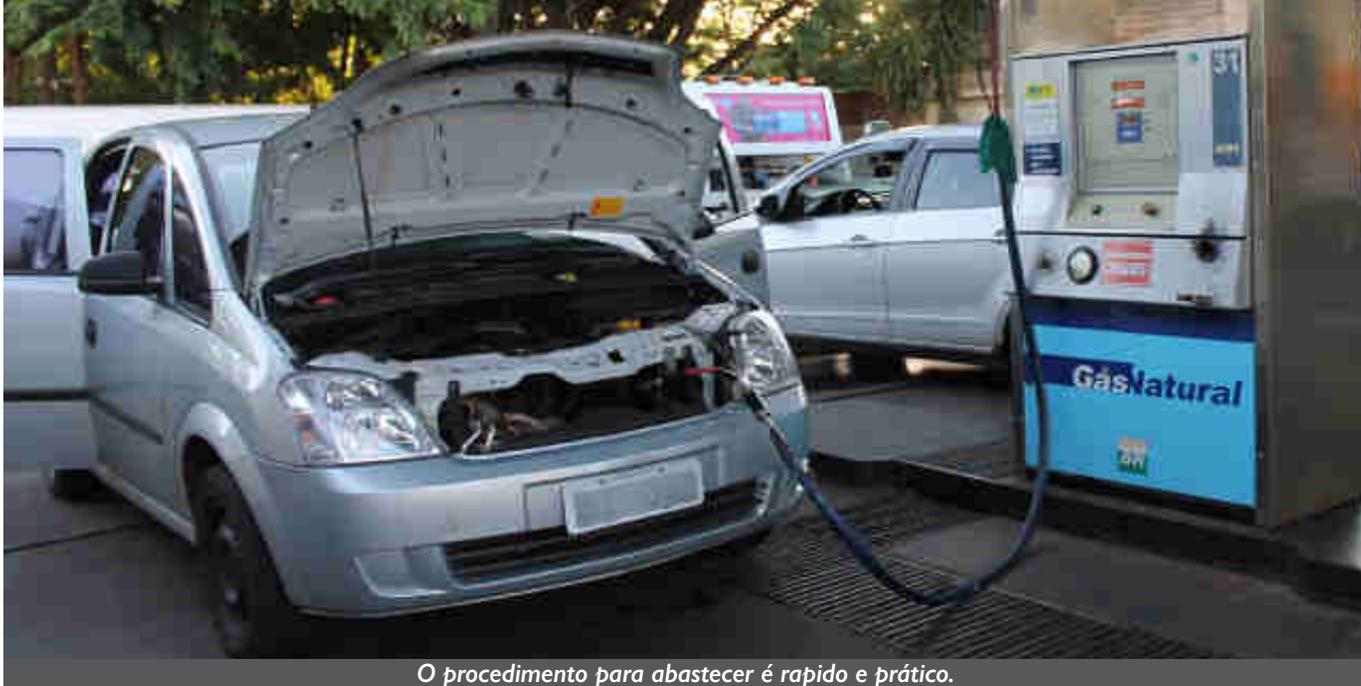
Fotos: Ana Claudia Lombas

Como uma alternativa a gasolina e ao álcool, o Gás natural veicular (GNV) vem ganhando espaço crescente na cidade de Ribeirão Preto. As vendas diárias de GNV subiram 17% de janeiro a abril deste ano, de acordo com a Gas-Brasiliense, empresa responsável pela distribuição de gás natural canalizado na região noroeste do Estado de São Paulo.

O taxista Carlos Venâncio, 33 anos, comprou seu carro, há três anos, de um colega de profissão, já com os cilindros do gnv instalados. E diz não se arrepender da compra, pois considera o gás muito econômico. "Eu recomendo pela economia, mas tem que fazer os cálculos

Carlos Venâncio, 33, usa o gás natural há três anos.





O procedimento para abastecer é rápido e prático.

pra conseguir ter o retorno”, conta.

O Gás Natural Veicular é um combustível gasoso com propriedades químicas que se adequam bem à substituição do álcool hidratado (etanol) e da gasolina para um bom funcionamento do automóvel. O GNV também pode ser usado em veículos movidos a óleo diesel, na forma combinada que utiliza tanto o diesel quanto o gás, ou substituindo o motor movido a diesel por um movido a gás.

Existem carros que já saem com a opção de gás natural direto da fábrica e para quem quer fazer a conversão do seu veículo o processo é simples, porém deve ser feito por empresas que tenham o selo Inmetro, para a instalação do kit gás. O preço dessa instalação é de aproximadamente R\$ 4 mil, quanto mais o motorista anda, mais rápido é o retorno do investimento. Se o motorista roda 7 mil quilômetros por mês – distância média percorrida por um taxista –, em quatro ou cinco meses ele recupera o dinheiro aplicado.

O estudante Carlos Monteiro, 25 anos, usa o gnv a seis anos, mesmo utilizando seu carro apenas para passeio ele também recomenda o uso do gás por ser econômico. Ele está consciente dos benefícios que essa ação traz para o meio ambiente. “Sei que ele polui menos o ambiente por ser natural e mais leve que outras substâncias encontradas nos outros combustíveis”, destaca.

A queima do Gás Natural é muito mais completa que a queima dos outros combustíveis. Por isso, os veículos movidos a Gás Natural emitem menos poluentes, como óxidos nitrosos (NOX), dióxido de carbono (CO₂) e monóxido de carbono (CO). Auxiliando na redução dos níveis de poluição atmosférica.

Além de ser econômico o Gás Natural é a melhor opção de combustível para utilização nas cidades. Oferece uma resposta às preocupações do mundo moderno em relação a proteção da natureza e à melhora da qualidade de vida da população nos centros urbanos.

**A EMPRESA GASBRASILIANO
DISPONIBILIZA EM SEU SITE
UM SIMULADOR QUE MOSTRA
AS VANTAGENS E O TEMPO
NECESSÁRIO PARA O RETORNO
DO INVESTIMENTO, PARA QUEM
TEM INTERESSE NA INSTALAÇÃO
DO KIT GNV.**



Carlos se sente satisfeito e recomenda o uso do Gnv.

O FILÉ MIGNON DA ROÇA

FEIRA LIVRE EM SERTÃOZINHO TEM DUAS BARRACAS VENDENDO ALIMENTOS HIDROPÔNICOS E ORGÂNICOS. UM DOS FEIRANTES CARINHOSAMENTE BATIZOU ESSES PRODUTOS DE FILÉ MIGNON DA ROÇA

Renan Giorgeti

Fotos: Renan Giorgeti

A feira livre noturna, realizada em Sertãozinho, todas as quintas-feiras na praça José Ferraz de Toledo, no bairro Alto do Ginásio, no local tem uma barraca que vende produtos orgânicos e outra que vende alimentos hidropônicos. A dona Vilma Lima, mãe do Bruno Lima, dono da barraca de alimentos orgânicos, ajuda o filho na feira e também é dona de um famoso restaurante na cidade.

Os alimentos orgânicos são muito procurados pelos frequentadores, já que Bruno faz promoções para aumentar as vendas. Na feira, por exemplo, três alfaces custam R\$ 10. O produto é chamado carinhosamente por Bruno de “filé mignon da roça”. A produção desses alimentos está concentrada em seu próprio sítio, localizado perto da Usina Santo Antônio. “O público que compra os alimentos orgânicos é variado, desde jovens até um público mais velho. Tenho muito cuidado com essa produção para oferecer produtos de qualidade e saudáveis para os consumidores”, comenta Bruno, produtor e feirante.

A barraca dos produtos hidropônicos têm três tipos de alimentos como a couve (R\$ 4,00), a alface (R\$ 3,50) e o repolho (R\$ 4,00). Cristina Sanchez, dona da barraca cultiva estes alimentos na Chácara Boa Esperança, localizada em Sertãozinho perto do viaduto que dá acesso à Rodovia Attilio Balbo que liga Sertãozinho a Ribeirão Preto. “As pessoas que consomem esses produtos sabem que estão comendo um alimento que é bom para a saúde”, comentou Cristina, dona da barraca.

Existe uma diferença entre alimentos orgânicos e

Bruno vendendo o seu “filé mignon da roça”



hidropônicos já que um não usa nenhum tipo de agrotóxico, o hidropônico é produzido com a ajuda de um tanque de água com peixe dentro. Os benefícios dos orgânicos são melhores para a saúde do consumidor e respeita o meio ambiente já que não usa agrotóxico não prejudica o solo e também a água.

Os alimentos hidropônicos não sofrem com a variação do clima, dos insetos e de outros animais que provocam prejuízos no solo, mas o produtor tem que prevenir de fungos e bactérias que vivem na água para não prejudicar a aparência e o sabor destes alimentos já que podem estragar uma planta devido a proliferação.

As frutas como pêssego, morango, manga podem também ser orgânicas já que o produtor que tiver o pomar pode produzir de maneira da não utilização de agrotóxico. Usa-se uma alternativa de inseto produzido em laboratório para evitar as pragas. “Eu costumo comprar alimentos orgânicos, pois a diferença na minha saúde fica muito melhor apesar do preço ser mais caro em supermercado. A feira traz promoções muito boas para nós fregueses”, disse a consumidora, Rosa Perobon. O produto também é procurado por vegetarianos e veganos, pois este

NA FEIRA, POR EXEMPLO, TRÊS ALFACES CUSTAM R\$10. O PRODUTO É CHAMADO CARINHOSAMENTE POR BRUNO DE “FILÉ MIGNON DA ROÇA”.



Cristina e a sua barraca de produtos hidropônicos

público adere a esta prática alimentar.

A feira que começou no dia 21 de julho deste ano e funciona das 17h às 22h, o projeto de lei para a implantação foi dos vereadores Lúcio Martins de Freitas “Lúcio da Rádio” (PR) e Márcio Leite (PPS), a apresentação da feira veio através de um requerimento apresentado na sessão da Câmara Municipal em 15 de fevereiro deste ano onde foi aprovado pela maioria dos vereadores presentes.

A movimentação é intensa quando não está chovendo, pois os moradores do próprio Alto do Ginásio e de bairros vizinhos como o Jardim Eldorado, Santa Paula, Canaã e Belo Horizonte do Tamboury frequentam a feira, que se tornou um sucesso na cidade. O Antonio Rodrigues Sobrinho “Foguinho” trabalha como diretor de feiras livres na Prefeitura e costuma frequentar os locais que são realizadas as feiras. “Os feirantes ficaram felizes quando está um clima bom para a realização da feira, eles sabem que com isso o

público vem em maior número e o dinheiro circula muito na feira noturna”, comentou Foguinho.

O radialista Fernando Laurenti também frequenta a feira noturna, após fazer o programa de rádio que vai ao ar das 18h15 até 19h. “Eu frequento a feira e parabéns aos idealizadores deste projeto que está dando muito certo na cidade, as vezes chego as oito da noite e ainda tem gente frequentando o local, que conta com brinquedos para a criançada”, disse o radialista Fernando Laurenti. ■

HORTAS EM CENTROS URBANOS

AS HORTAS URBANAS TAMBÉM SERVEM COMO TERAPIA E AJUDAM NA REVITALIZAÇÃO DAS GRANDES CIDADES

Victor Menezes

Foto: Divulgação

Além de ser uma opção para aqueles que buscam uma alimentação mais saudável e longe de adição de agrotóxicos, as hortas urbanas também servem como terapia e ajudam na revitalização das grandes cidades.

Arroz, feijão, salada e carne são alimentos essenciais na mesa dos brasileiros, e na casa de Claudete Aparecida da Silva, 52 anos, isso também ocorre. Ela vai ao supermercado quase toda a semana para fazer compras e sente na pele o aumento no preço dos alimentos. Pensando na economia e no seu desejo de ter uma alimentação saudável aderiu ao cultivo de hortas em casa. Segundo Claudete, a vontade de ter uma horta em casa vem de anos, mas nunca havia tomado a iniciativa e afirma que no início encontrou algumas dificuldades, mas sua paixão por hortas, que começou com seus avós quando pequena, fez com que não abrisse mão desse obje-





vo. “Quando tive a ideia, não sabia como começar. Por não ter terra no meu quintal, criei hortas suspensas. Utilizei garrafas pet, escorredores de macarrão, vasos e até mesmo canos de PVC”, comenta Claudete.

As hortas urbanas são espaços criados, tanto em lugares públicos como em privados, e dentro de casas, mas também é possível encontrar em telhados de prédios. Para ter uma horta em casa é preciso de cuidados rápidos e simples para que ela cumpra com seu papel de proporcionar o cultivo saudável de alimentos. O dono da horta necessita cuidar, diariamente, das plantações, regar e inspecionar para que não haja proliferação de pragas, por exemplo. A irrigação deve ser diária ou em dias alternados.

Fernanda Aparecida Rodrigues, 28, mora em Piumhi (MG), e também é adepta do cultivo de horta urbana desde que era pequena. Nascida no interior de Minas Gerais e por ter morado em um sítio, ela conta que o hábito de cultivar hortas veio de outras gerações e que toda a plantação

se destina ao consumo próprio.

Para Fernanda, o uso de horta domiciliar ajuda o meio ambiente, economiza nos gastos em casa e melhora a saúde. “Estou casada há um ano e, em breve, mudarei para outra cidade. Pretendo seguir os passos da minha família. Construirei uma horta no quintal de casa para cultivar verduras”, afirma.

SUSTENTABILIDADE EMPRESARIAL

Preocupadas com a sustentabilidade, grandes empresas também começaram a cultivar hortas urbanas. É o caso da construtora Bild de Ribeirão Preto, que iniciou um projeto de plantação comunitária em seu canteiro de obras que utiliza a horta orgânica para o consumo dos próprios funcionários durante as refeições. O projeto, criado há três meses, pretende se estender para outros canteiros de obras da construtora.

Felipe Moreira, gerente de obras da Bild e Gustavo Prado, gestor de

obras, deram vida ao projeto depois que funcionários perceberam que haviam espaço de terras férteis para a criação de uma horta. Segundo Felipe, são os funcionários quem cuidam das plantações no final do expediente.

A horta é composta por espécies de verduras que podem ser consumidas de forma simples e rápida como a alface, rúcula, couve e até mesmo a cebolinha. Para Moreira, a horta é uma grande oportunidade para que haja uma mudança nos hábitos alimentares com produtos orgânicos e naturais.

Amanda Fernandes de Carvalho é nutricionista e alerta que um alimento para ser orgânico deve ser isento de insumos artificiais como adubos químicos e agrotóxicos, sem drogas veterinárias, hormônios e organismos geneticamente modificados. Trata-se de um produto saudável e de elevado teor nutricional, livre de contaminantes que ponham em risco a saúde do consumidor, do agricultor e do meio ambiente. ■

A RECEITA DA RECICLAGEM

**EMPRESAS COM
VISÃO SUSTENTÁVEL
REAPROVEITAM
MATERIAIS PARA
GERAR RENDA E
OBTER RETORNO
ECONÔMICO**

Vinícius Lima

Foto: Vinícius
Lima

Como o avanço da conscientização ambiental, muitos passaram a apontar as grandes empresas e indústrias como protagonistas de abusos de recursos naturais. Não é recente a imagem da empresa gananciosa, que prioriza apenas o lucro. Mesmo assim, a falta de preocupação com o meio-ambiente se tornou algo criticado pelos consumidores. O que a maioria desconsidera, no entanto, é o benefício econômico que vem como ato de reduzir, reutilizar e reciclar no ambiente corporativo.

O modo mais simples de manifestação desta preocupação com o ambiente é a reciclagem, presente em diversas empresas. Segundo o último levantamento do IBGE, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, cerca de 260 mil toneladas de lixo são recolhidas no país diariamente. Apenas 3% é destinada à reciclagem. A pesquisa aponta que a maioria dos dejetos do país vão para aterros sanitários e lixões a céu aberto.

Embora estes números mostrem que é inexpressi-

va a reciclagem no país, empresas de diversos segmentos já perceberam o benefício econômico da reciclagem. O IPEA, Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas, calculou que os lucros potenciais da reciclagem são de R\$ 8 bilhões anuais no Brasil. A proliferação de empresas de reciclagem também transformou o material reciclável em mercadoria, podendo ser revertido em matéria-prima e revendido. Empresas que adotam a coleta seletiva passaram a comercializar estes resíduos.

Saúde sustentável

Ações visando ao ambiente que geram retorno econômico acontecem, por exemplo, na Lamasson, farmácia homeopática de Ribeirão Preto que é ligada ao instituto homeopático François Lamasson, fundado em 1981. Lá ocorre a reutilização dos frascos de vidro utilizados pelos clientes. A prática é comum, como explica a farmacêutica da Lamasson Cristiane Vercesi Carabolante. "Várias farmácias fazem isso. Os clientes costumam trazer os vidri-

nhos para reutilizar, devido ao grande consumo”, ela diz.

Cristiane ainda explica que, como a farmácia é integrada ao instituto, que realiza cursos de homeopatia, os frascos usados nas aulas também são reutilizados. No entanto, é comum que clientes novos tragam frascos que venham de outras farmácias. Neste caso, ela diz, não é possível usá-los devido à diferença de tamanho, o que impacta na quantidade das doses e na medida das tampas que usam. Quando isso acontece, as embalagens são encaminhadas, junto de outras que são devolvidas quebradas ou danificadas, para catadores da cidade, que escoam os resíduos para indústrias especializadas.

Depois que os frascos são devolvidos, a auxiliar Maria Aparecida Candioto, responsável pelos vidrinhos, faz o trabalho de higienização. Eles são lavados, secados e, depois, esterilizados. Ela diz que, para garantir a limpeza, os vidros passam uma hora adicional no esterilizador, a 140 graus. Depois do processo, eles estão prontos para serem usados. Essa reciclagem diminui os custos com novos frascos e o impacto ambiental. “O nosso objetivo é mais ajudar o meio-ambiente, não a parte econômica”, diz Cristiane.

Nova consciência

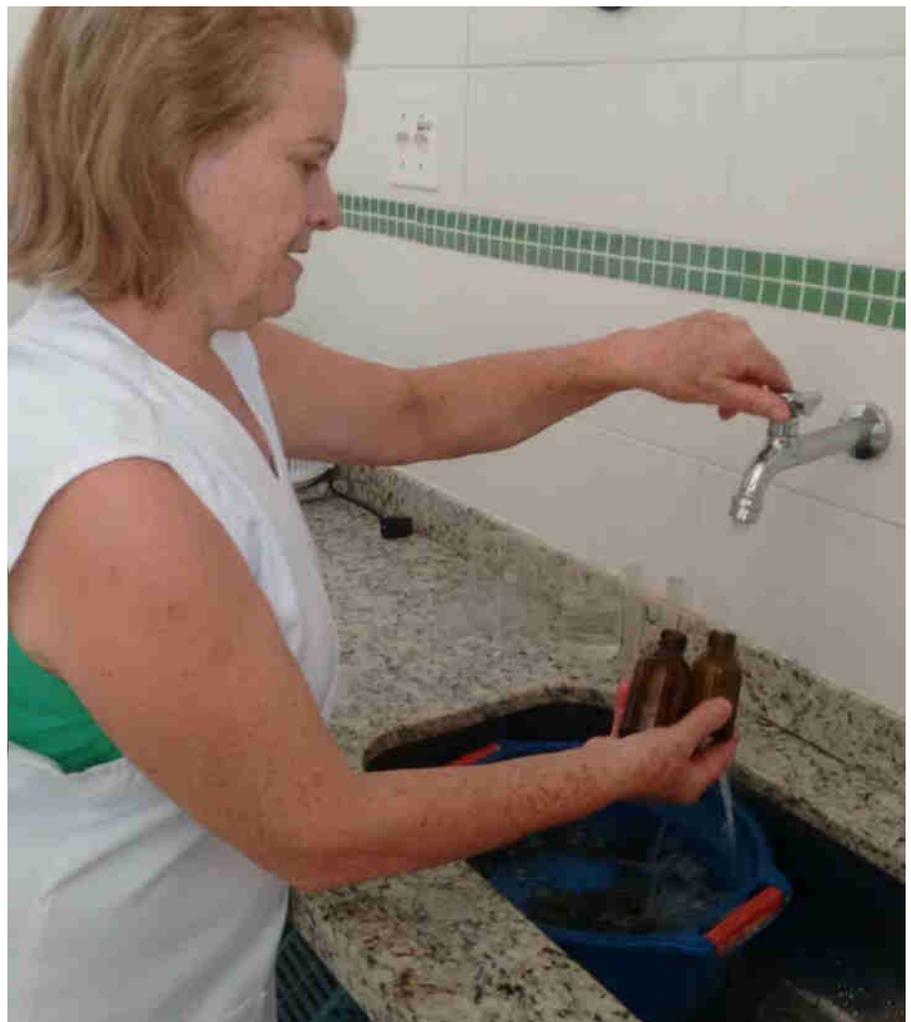
Outra empresa localizada em Ribeirão com programas de reciclagem é a Apis Flora, empresa do ramo de saúde especializada em produtos de própolis, mel e extratos de plantas medicinais, com abrangência internacional. Para Manoel Tavares, ambientalista e diretor da empresa, a reciclagem

“ESTAMOS CADA VEZ MAIS ROMPENDO O PONTO DE EQUILÍBRIO DO PLANETA”

é essencial em um mundo onde energia e materiais são cada vez mais escassos. Preocupado com o ambiente, ele explica que, por isso, promove a coleta seletiva de lixo nas unidades da empresa. Segundo Tavares, “a Apis Flora separa para a reciclagem 98% dos resíduos sólidos gerados na sua operação industrial e áreas administrativas”. Depois de recolhidos, os resíduos

são encaminhados para cooperativas de catadores da região.

O empresário considera importante dar mais atenção aos trabalhos de reciclagem, uma vez que “estamos cada vez mais rompendo o ponto de equilíbrio do planeta”. Para ele, o modo de pensar da nova indústria deve ser sustentável, com o ambiente em mente. “Essa consciência, além de trazer os benefícios mercadológicos, também traz a redução de custos e ambientes de trabalho mais saudáveis, aumentando a produtividade”, afirma Manoel. ■



CONSCIENTIZAÇÃO NA COZINHA

**ENCONTRADA EM
DIVERSAS SITUAÇÕES
DO COTIDIANO DO
SER HUMANO, A
SUSTENTABILIDADE
VIROU UM
IMPORTANTE
INGREDIENTE DA
COZINHA**

Sarah Almeida

Fotos: Juliana Dias e
Sarah Almeida

Reutilizar água, reciclar materiais e diminuir o consumo são algumas das principais características propostas pela sustentabilidade. A ligação desses conceitos com a natureza é muito comum no dia a dia. O que muita gente não sabe é que o termo sustentabilidade também pode ser conectado a ações socioeconômicas que começam na mesa dos brasileiros.

Para reduzir a demanda de agrotóxicos e conservantes nos alimentos foi criado o conceito de gastronomia sustentável, que se preocupa com as fontes das matérias-primas utilizadas no preparo dos pratos para diminuir ao máximo os danos à natureza. Essa ideia também contribui com o desenvolvimento regional e com a utilização de produtos da época, os sazonais.

Estabelecimentos gastronômicos investem cada vez mais em práticas sustentáveis, como a utilização de produtos orgânicos, que são aqueles produzidos sem o uso de fertilizantes químicos, agrotóxicos, conservantes, aditivos ou modificações moleculares de sementes.

Foi assim que Mônica Olivato decidiu abrir as portas do restaurante Varanda Orgânica, localizado na zona sul de Ribeirão Preto. “Produtos orgânicos já faziam parte da minha vida e gostaria de proporcionar uma alimentação mais saudável para as pessoas, visto que o Brasil está entre os países que mais usam agrotóxicos”, conta a empresária.

Outro ponto crucial para a alimentação sustentável é a conscientização diante do desperdício de alimentos. Evitar jogar alimentos fora reduz os gastos com ingredientes, aproveita melhores nutrientes e ainda reduz a produção de resíduos orgânicos. No restaurante de Mônica, isso já é praticado. “Nossos produtos são selecionados assim que recebemos, para diminuir o desperdício e para que possam ser reutilizados.”

Os produtos considerados sustentáveis também



Horta localizada na casa da jornalista Juliana Dias

devem estar fora do risco de extinção. Evitar o uso desses alimentos, como o pequi, muito utilizado em Minas Gerais e Goiás, e dar preferência a alimentos sazonais, reduz a possibilidade de extinção, incentiva a produção legalizada e evita doenças provenientes da exploração ilegal destes recursos.

O consumo começa dentro de casa

A jornalista Juliana Dias sempre teve o costume de ter alimentos saudáveis sob a mesa, mas, há quatro anos, vem se dedicando e adaptando mais à alimentação saudável. Esse hábito se iniciou com sua mãe, com tentativas de plantação de hortas verticais de legumes e verduras, e agora, Juliana possui sua própria horta. “Hoje, minha horta possui rabanete, pimenta, orégano, tomate, manjeriço, alecrim e também tenho um limoeiro”, conta ela.

Para Juliana, é grande a esperança de que as pessoas se conscientizem cada vez mais e que o mercado gastronômico sustentável cresça. A jornalista espera que as pessoas consigam entender que a alimentação precisa ser melhor pensada. “Não dá para viver e co-

mer mecanicamente.”

A empresária Daniela Prata abriu um mercado sustentável no início de 2016 para aproximar consumidores e produtores artesanais locais, com produtos orgânicos e hidropônicos, que são aqueles cultivados dentro de estufas usando água no lugar da terra. “Enfocamos uma produção mais moderna, ecoamigável e sustentável, porque acreditamos que isso reflete na qualidade do produto”, comenta a sócia da Casa55.

O mercado, localizado na zona sul de Ribeirão Preto, é conhecido por sua curadoria, ou seja, o cuidado na hora de escolher os produtos colocados na prateleira. Daniela comenta que possui uma parceria com os produtores. “Conhecemos esses produtores pessoalmente, visitamos as produções para conferir como é a água e se os produtos são realmente orgânicos ou não.”

Muitos desses produtores têm dificuldade em chegar ao cliente, sendo encontrados apenas em feiras orgânicas que acontecem na cidade. O mercado sustentável tem o papel de conectar esses produtores a mais clientes, em uma questão socioeconômica, permitindo sempre novas safras dos produtos.

Em relação ao custo-benefício a empresária afirma que são mais caros dos que os produtos convencionais por sua produção ser mais demorada, sem uso de agrotóxicos e sempre em pouca quantidade, garantindo uma qualidade melhor. “Sempre vai ser mais caro, porque os custos de produção são mais elevados.”

Além do hortifrúti, massas e queijos, o mercado possui uma açougue sustentável, com selos reconhecidos mundialmente, sendo eles o selo “Rainforest Alliance Certified”, reconhecimento de produtos sustentáveis, e o selo “Carne Neutra”, que identifica a amenização da emissão de gases durante o manejo dos animais. “É uma das poucas carnes no Brasil todo que possuem esses dois selos no mercado”, finaliza Daniela. ■

Alimentos orgânicos encontrados nas prateleiras da Casa55 em Ribeirão Preto



A COOPERAÇÃO QUE FAZ A DIFERENÇA

**POR INICIATIVA DE
UMA COOPERATIVA
DE RECICLADORES
DE ORLÂNDIA,
CERCA DE 100
MIL TONELADAS
DE MATERIAIS
RECICLÁVEIS SÃO
RECOLHIDOS
MENSALMENTE DAS
RUAS DO MUNICÍPIO**

Ana Carolina
Rossi

Fotos: Ana
Carolina Rossi

Um grupo de moradores de Orlandia, cidade que fica a 60 km de Ribeirão Preto, deu um passo para que uma mudança essencial aconteça. Em 2005, após a eminência do fechamento do lixão do município, devido a questões ambientais e legais, os antigos trabalhadores criaram a Cooperativa de Trabalho dos Recicladores de Orlandia, chamada de Cooperlol. Os moradores tiveram o apoio da Prefeitura para fundar uma Cooperativa que gerasse renda para os cooperados.

O presidente da Cooperlol, Anderson Nassif, 36 anos, afirma que o objetivo da entidade é “fortalecer a questão social, principalmente com pessoas que têm dificuldade de inserção no mercado de trabalho”. A Cooperativa também realiza um projeto ambiental por realizar a limpeza urbana através da coleta seletiva. “Todo resultado econômico gerado fica no município”, comenta o presidente.

Segundo dados do site da Cooperlol, depois de fundada, a Cooperativa recebeu o apoio da administração municipal, através da Lei Municipal nº 3.461, de fevereiro de 2006, que autorizou o uso do galpão e dos

Trabalhadores da Cooperativa separando recicláveis



equipamentos. Em 2007, a Cooperativa alcançou uma das maiores conquistas, que foi a aprovação do projeto de reforma e de ampliação das áreas operacionais e administrativas. Esse projeto foi alcançado junto ao BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico Social), no âmbito de apoio às cooperativas de catadores de materiais recicláveis.

O trabalho sustentável da Cooperativa está na coleta seletiva. “Por mês são coletadas em torno de 100 mil toneladas de materiais recicláveis, porém 11% destes resíduos são descartados, pois são orgânicos. A população deve se conscientizar e fazer a separação de forma adequada de materiais como plástico, papel, vidro e metal”, observa Nina Sousa, secretária do escritório da Cooperativa.

Conforme estudo realizado pela Cooperlôl, em 2015, Orlândia possuía 12.482 domicílios e apenas 29% das residências destinavam corretamente os resíduos sólidos para serem coletados. Isso significa que há um potencial de arrecadação de 71%. De acordo com Anderson, estes indicadores mostram que uma maior participação da população aumentaria de sobremaneira a quantidade de resíduos destinados à coleta seletiva.

Segundo a professora Marli Vicari, 63 anos, formada em biologia há 39 anos, tudo que envolva a sustentabilidade é de suma importância. A educadora incentiva os alunos a realizarem trabalhos sobre o tema. “Não é de hoje que este assunto deveria estar sendo abordado, porém só agora que está sendo discutido. Isso acontece porque as pessoas estão vendo a própria natureza pedindo socorro”, analisa Marli.



Objetos recicláveis coletados em Orlândia



Materiais coletados nas residências

Os materiais são classificados como orgânicos (restos de alimentos, papel, papelão, madeira e tecido), inorgânicos (metais, vidros, areia, terra e pedras), biodegradáveis (papel, papelão, restos de alimentos, madeira e tecido) e não biodegradáveis (plástico, borracha e isopor). A separação preventiva facilita o trabalho da Cooperativa.

A funcionária da Cooperativa Carmem Sousa explica que “além do nosso trabalho de separação dos objetos recicláveis, temos outra função: conscientizar a população. Eu estava desempregada há três anos, consegui esse emprego e agradeço todos os dias por ele. Aqui aprendemos a importância da sustentabilidade para termos um futuro bom, eu tive essa oportunidade”, conta Carmem.

Segundo a coordenadora e dona de casa Fernanda do Nascimento, que tem um filho de 1 ano e 3 meses, é preciso pensar nas próximas gerações. “Apesar da vida corrida, sempre encontro tempo para separar os objetos para reciclar. Isso é muito importante. Futuramente, o planeta ficará doente se não fizermos a nossa parte. Essa tarefa é tão simples. Se cada residência fizesse o descarte de maneira adequada, não veríamos tanto lixo na rua, latinhas jogadas e uma cidade suja”, conclui Fernanda.

O engenheiro agrônomo Hugo Degiovani, 40 anos, considera que a sustentabilidade é um assunto bem atual. “O planeta carece de ações ambientais de todos, mas a palavra mágica sustentabilidade precisa do entendimento pleno do cidadão para que ele faça parte desse processo”, afirma Hugo.

FAZENDO AS PAZES

**DEPOIS DE MUITOS
CONFLITOS, O
AGRONEGÓCIO E A
SUSTENTABILIDADE
ENCONTRAM
PONTOS EM
COMUM. PROJETOS
DESENVOLVIDOS
POR COOPERATIVAS
DA REGIÃO
MINIMIZAM OS
IMPACTOS NO MEIO
AMBIENTE E GERAM
BENEFÍCIOS PARA AS
COMUNIDADES**

Stella Arengheri

Melhorar o uso da terra, a interação e benefícios entre os plantios, o aumento da renda dos produtores e eliminar o revolvimento do solo, operação essa que emite gases que causam o efeito estufa. Esses são alguns dos benefícios que um projeto sustentável pode levar à sociedade e ao meio ambiente. Mais especificamente, o projeto da cooperativa de produtores rurais Cooper Citrus, localizada em Bebedouro (SP).

Denominado Interação Lavoura, Pecuária e Floresta (ILPF), o projeto promove a interação e a troca de benefícios entre essas três atividades. Quando o pasto do produtor associado está em baixa produtividade, ou seja, quando está degradado e não desenvolve seu maior potencial produtivo, a Cooperativa oferece o plantio de culturas agrícolas (soja, milho) ou florestais (eucalipto, entre outras árvores).

A partir daí, muitos benefícios acontecem, como explica o assistente técnico de pastagens Paulo Braga: “A atividade agrícola beneficia o pasto pois deixa resíduos de adubação para as pastagens e otimiza a implantação, que promove a ciclagem de nutrientes, de camadas em que as culturas não conseguem acessar”. Braga ainda conta as vantagens que o ILPF traz para o gado do produtor: “Os bovinos aproveitam-se de pastagens mais nutritivas do que a de pastos convencionais, além de gozar de mais bem-estar, graças a melhor ambiência proporcionada pela floresta no sistema”.

Ainda segundo o assistente técnico, os resultados desse projeto são muito positivos porque o produtor aproveita a terra durante todo o ano, o que não acontece com a agricultura ou pecuária quando feitas separadamente. “Temos cooperados com produtividade de 125 sacos por hectare de milho na safra e engordando animais no inverno, período em que

as áreas agrícolas convencionais ficam ociosas e que a pecuária tradicional carece de mais pastos”, completa Paulo. Finalmente, ainda é possível ter mais um ganho com o ILPF, gerando renda com o plantio que foi feito em seu pasto.

Dia de Campo Limpo

Outras cooperativas da região também são adeptas de projetos sustentáveis. A Cooperativa Agroindustrial Coplana, com matriz que fica em Guariba (SP), realiza desde 2005 o “Dia de Campo Limpo”, que acontece anualmente. Neste dia, crianças de 9 a 13 anos, de escolas de toda a região, visitam as dependências da cooperativa, onde acontecem várias atividades voltadas à preservação do meio ambiente, principalmente sobre a coleta seletiva.

O principal objetivo do evento é conscientizar as crianças sobre a importância de devolver as em-



Foto Cooperativas

Paulo Braga explica como funciona a integração

balagens defensivas agrícolas e outros tipos de materiais recicláveis aos seus devidos lugares e, ainda, como fazer o descarte correto de cada tipo de material. Desde o início, o Dia de Campo Limpo já recebeu mais de 50 mil crianças de toda a região.

Desde 2011, a Coplana é adepta do sistema Campo Limpo e tem uma

central de recebimento de embalagens defensivas. Segundo Fábio Elias de Paiva, assistente técnico, os resultados são muito satisfatórios, sendo recolhidas, até hoje, mais de 13.200 toneladas de embalagens destinadas.

Vale destacar, ainda, que uma pesquisa realizada pelo Instituto Akatu a favor do consumo consciente, mostrou que a prática da sustentabilidade é imprescindível pelas empresas. Além disso, essas iniciativas trazem vantagens como a diminuição de custos e riscos, redução de desperdícios, geração de lucro e melhor relacionamento com os consumidores. No Brasil e no exterior, grandes empresas já adotam medidas sustentáveis, uma vez que essas boas ações trazem melhorias não só internas, mas para o planeta. ■



Foto Coplana

Crianças assistem à peça de teatro educativa

CULTIVANDO UMA VIDA SAUDÁVEL

A CADA ANO MAIS PESSOAS ADOTAM UM ESTILO DE VIDA SAUDÁVEL PARA BUSCAR O CORPO IDEAL, MELHORAR A QUALIDADE DE VIDA, OU SIMPLEMENTE POR PRAZER. O NÚMERO DE ADEPTOS À “GERAÇÃO SAÚDE” NÃO PARA DE CRESCER

Raquel Duarte

Foto: Raquel Duarte

A utilização de produtos químicos na agricultura tem a função de controlar pragas que ofereçam riscos ao cultivo. No entanto, esses pesticidas podem proporcionar riscos aos seres humanos, como doenças neurológicas e degenerativas, problemas digestivos, inflamações, infertilidade, e até câncer.

Com tantos perigos escondidos por trás dos alimentos, a solução de alguns produtores para fugir disso tem sido o cultivo sem o uso de agrotóxicos, dando origem aos alimentos orgânicos, que aos poucos têm caído no gosto de quem realmente busca uma vida saudável.

Instalado em Jaboticabal, há pouco mais de um mês, o mercado Fonte de Vida vende produtos orgânicos. A ideia de abrir um lugar nesse estilo, surgiu a partir do momento em que os sócios Vera Furline Alexandre Belizário notaram que na cidade não existia um mercado de orgânicos, além de perceberem a necessidade disso no município.

Os produtos do mercado chegam de vários lugares. Os hortifruti vem da cidade de São Paulo e os demais alimentos, como geléias e sucos, são procedentes de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraná. Produtos como fubás e açucars vêm da divisa do Paraguai.

Após colocarem a ideia em prática, Vera e Alexandre garantem que as vendas só aumentam, porém muitas pessoas não têm conhecimento do que é esse tipo de alimento. “As pessoas não possuem noção do que é um alimento orgânico, talvez seja exatamente por isso que nem todos consomem”, afirmam os comerciantes.

Para Márcia Lopes, comerciante, os produtos costumam ter preços elevados, o que dificulta a compra. “Se eu for colocar tudo na ponta do lápis, precisaria ganhar o dobro para poder me alimentar só de orgânicos”, conta.

A comerciante acredita que se os preços fossem mais acessíveis, talvez a venda dos produtos cresceria o triplo. Ela se alimenta com produtos normais, sem ser orgânicos. “Eu tenho muita vontade de consumir esse tipo de alimento, sei que é mais saudável, porém é muito caro”.

Os orgânicos são delicados e necessitam de um cuidado maior. Os alimentos orgânicos também são cultivados sem fertilizantes. Sendo assim, as técnicas para o cultivo incluem o uso de adubação verde, biofertilizantes e sementes diferenciadas, que são mais resistentes e adaptadas, com isso fica garantida a qualidade dos alimentos orgânicos.

“Normalmente, os valores dos orgânicos são mais elevados que os dos produtos convencionais por terem uma menor escala de produção, custos de conversão para adequação aos regulamentos e processos de reconhecimento de sua qualidade orgânica”, afirma Alexandre.

Nem todo alimento cultivado sem o uso de agrotóxico é orgânico. Alexandre alerta que nem sempre é assim. “O cultivo orgânico é muito diferente. Além de não ter agrotóxicos, ele não pode ter derivados do petróleo, como a uréia. Se o gado que deu origem ao esterco de cur-



Vera Furlin em seu mercado orgânico

ral foi tratado com vermífugo e antibiótico, o alimento cultivado com ele já não é mais orgânico”, afirma.

Da vida para o comércio

Vera, além de vender os produtos orgânicos, também é consumidora deles. Há 30 anos, a comerciante leva uma vida saudável, se alimentando apenas desse tipo de alimento. “Desde solteira, optei pela alimentação saudável. E mesmo quando engraidei, continuei me alimentando dessa forma”, conta ela.

Ela conta que no começo estranhou um pouco, pois sentia que a comida não tinha sabor. Além dos alimentos naturais, Vera também parou de comer carne. “Eu pensava que almoço sem carne não seria a mes-

ma coisa, mas com o tempo passou a ser indiferente para mim”, relata.

Quanto aos benefícios dessa alimentação, ela conta que são vários. “Tanto no meu corpo, quanto na minha cabeça, notei muitos benefícios. Tenho 55 anos, e até hoje não tive uma doença”, conta.

No cardápio de Vera não existe refrigerante e bebidas alcoólicas. Ela toma apenas sucos naturais, e sua água vem de um poço que ela mesmo tem em sua casa. Hoje ela se alimenta de carne, como o frango, que por sua vez, também é orgânico. “O meu organismo se acostumou com essa alimentação, então se eu fujo do meu cardápio, o meu organismo rejeita, e eu acabo passando mal”, relata. ■



Nem todo alimento cultivado sem o uso de agrotóxico é orgânico

**OS ORGÂNICOS
SÃO DELICADOS E
NECESSITAM DE UM
CUIDADO MAIOR.
OS ALIMENTOS
ORGÂNICOS TAMBÉM
SÃO CULTIVADOS SEM
FERTILIZANTES**

NOVAS PRÁTICAS EMPRESARIAIS

EMPRESAS APOSTAM EM PROJETOS SUSTENTÁVEIS PARA MELHORAR A QUALIDADE DE VIDA DA POPULAÇÃO

Juliana Ijanc'

Fotos: Divulgação

O termo sustentabilidade está na moda e, em Ribeirão Preto, essa realidade não é diferente. As empresas Decoy Smart Control e Al Sukkar, instaladas no Super Parque de Inovação e Tecnologia de Ribeirão Preto, dentro do Campus da Universidade de São Paulo (USP), são exemplos de negócios que aderiram práticas sustentáveis à gestão.

De acordo com Túlio Marcos Nunes, sócio fundador da Decoy Smart Control, existe uma tendência global em se buscar alimentos mais sustentáveis. No Brasil, por exemplo, o mercado de produtos orgânicos cresceu 25% em 2015 e espera-se um aumento de 30% para 2016.

Existe ainda uma compreensão cada vez maior sobre o que é qualidade de vida. A busca por modelos mais harmoniosos de relação entre o homem e o habitat está cada vez mais presente nos dias atuais. Diante desse cenário, a boa alimentação é um dos pilares fundamentais, tanto no que se relaciona à qualidade, à origem e aos métodos de produção. Neste contexto, o brasileiro é o maior consumidor de agrotóxicos do mundo.

Controle de pragas inteligente

Com o propósito de atuar diretamente nessa realidade, Túlio Marcos Nunes, Filipe Dal'Bó e Lucas von Zuben fundaram a Decoy Smart Control. Constituída em julho de 2014, a startup surgiu a partir da vontade de se aplicar os conhecimentos científicos, adquiridos pelos jovens na universidade, para a solução de problemas urgentes presentes na realidade brasileira.

Baseando-se em conceitos de manejo integrado de pragas, a empresa se propõe a desenvolver formas inteligentes de lidar com esses desafios. O controle sustentável de pragas elaborado pela empresa acontece através de um método que não utiliza venenos, não deixa resíduos nos alimentos e não prejudica o homem



Empresas aderem a práticas sustentáveis



Jovens criam startup para resolver problemas urgentes

ou o meio ambiente. A técnica funciona por meio de princípios profundos da biologia da praga, suas relações ecológicas e seus ciclos de vida. Dessa forma, é possível encontrar inimigos naturais e outras vulnerabilidades que permitem o manejo de forma eficaz.

Segundo o sócio fundador, as vantagens desse método são diversas, desde qualidade e segurança dos alimentos até maiores níveis de eficiência na cadeia produtiva. “Esse método exige, substancialmente, menos investimentos em relação aos defensivos químicos ou vacinas. Além disso, o controle sustentável colabora para o bem-estar dos animais e não agride ao meio-ambiente”, acrescenta.

Nunes conta também que percebeu que a ideia poderia se tornar um produto inovador quando ele e seus parceiros perceberam que o problema de produtos químicos de alto teor de toxicidade estava inserido em um contexto mercadológico de grande relevância, como a pecuária bovina e o mercado de produtos pets.

Antibióticos naturais

Diferente da indústria farmacêutica, a empresa Al Sukkar, também localizada no Supera Parque de Inovação e Tecnologia de Ribeirão Preto, é responsável pela fabricação de antibióticos naturais utilizados no combate à contaminação do processo fermentativo na produção de etanol.

Segundo Eloisa Mocheuti Kronka, diretora técnica da Al Sukkar, os antibióticos naturais produzidos pela

empresa são extratos de plantas com atividade antimicrobiana, que evitam e retardam o crescimento de bactérias no processo de produção de etanol.

Eloisa foi professora universitária e trabalhou com pesquisas e consultorias na área de produção de etanol. Foi assim, durante as consultorias, que ela percebeu o grande volume de antimicrobianos sintéticos usados através da vinhaça, cujos residuais iam para o meio ambiente.

Segundo a diretora técnica, os antibióticos naturais possuem um mercado com grande potencial, uma vez que são utilizadas toneladas de antimicrobianos nas usinas sucroalcooleiras.

Além da produção de antibióticos naturais utilizados no combate à contaminação do processo fermentativo na produção de etanol, a Al Sukkar está, atualmente, investindo para implementar a normativa 17025 em seu laboratório, uma diretiva europeia que proíbe que certas substâncias perigosas sejam usadas em processos de fabricação de produtos. ■

Parque Supera incentiva novas empresas



PRODUÇÃO À FAVOR DO MEIO AMBIENTE

EMPRESAS DE SÃO JOAQUIM DA BARRA ADOTAM PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS QUE AGREGAM VALOR A MARCA E OBTÉM O RECONHECIMENTO DOS CONSUMIDORES

Carolina Mateus

Foto: Divulgação

O que determina responsabilidade social é qualquer ação voluntária desenvolvida por empresas com fins lucrativos, que forneça o bem-estar social para a comunidade em geral. O que é diferente de filantropia, já que essas ações voluntárias geram consequentemente valor à marca e boa reputação da empresa, é o que indicou o estudo feito em 2013 pelo Reputation Institute.

Sustentabilidade é a utilização dos recursos de maneira equilibrada para que não afete o meio ambiente e a vida de gerações futuras. Com o aumento da visibilidade da produção industrial consciente, para gerar capital e movimentar a economia, as empresas passaram a utilizar métodos, técnicas e incentivos sociais que diminuem o impacto ambiental.

Com base nessa responsabilidade socioambiental, empresas de São Joaquim da Barra de setores diversificados adotaram práticas para produzir causando o menor dano possível. Segundo a assistente de diretoria, Léia Vieira Alves, a Metalúrgica Tuzzi, da cidade que fica a 60 km de Ribeirão Preto, trocou o maquinário antigo por equipamentos modernos e menos poluentes. “A empresa prioriza ações de menor impacto ambiental. Para isso, substituiu todos os fornos das suas unidades fabris por mais modernos que usam a tecnologia GLP (gás liquefeito de petróleo). Também, adquirimos uma cabine de pintura eletrostática a pó, um processo sustentável onde não são eliminados líquidos e gases que possam poluir a atmosfera”, conta a assistente.

Utilização de embalagens metálicas retornáveis, coleta seletiva de lixo e resíduos, uma estação de tratamento de efluentes também fazem parte das medidas sustentáveis da empresa. Léia salienta, ainda, que a metalúrgica promove, constantemente, iniciativas para a conservação do meio ambiente. “Possuímos áreas de controle ambiental e estamos desenvolvendo um projeto de produção de Aço verde sem causar danos à natureza”, observa Léia.

Cana sustentável (intertítulo)

Dados da Agetec, Agência Embrapa de Informação Tecnológica, aponta que o Brasil é o maior produtor mundial de cana-de-açúcar, com mais de 7 milhões de hectares plantados e uma produção de mais de 480 milhões de toneladas de cana. O Brasil é o líder tecnológico na produção de etanol.

Em São Joaquim da Barra, a Usina Alta Mogiana, que está há mais de 30 anos nessa área, tem uma capacidade de moagem de 6 milhões de toneladas de cana, mas este ano tenta atingir a meta de 5,5 milhões de toneladas de cana moídas. A estimativa é que 10,5 milhões de sacas de açúcar, mais de 180 milhões de litros de etanol e 144.200 kw/h de energia elétrica chegam a ser produzidos pela usina.

A gestora de pessoal e do departamento jurídico, Vera Lúcia Martins Guedes, afirma que desde a concepção, a empresa segue uma orientação voltada à prática operacional, mas sempre respeitando o meio ambiente. “As nossas práticas alinham a produção dentro de um veio de sustentabilidade para manter um equilíbrio. O hoje é agora, mas o futuro também precisa da nossa preocupação. As gerações futuras precisarão partilhar o que a gente ainda tem. É uma questão de meio ambiente”, avalia Vera Lúcia.

A usina adota medidas, tanto internas quanto externas, que visam às melhorias no processo de produção. Toda a captação do Rio Sapucaí fica dentro de um circuito fechado para reuso. A água circula pela empresa, diminuindo significativamente a necessidade de novas captações.

A coleta seletiva fica a cargo do almoxarifado de insumos. Os resíduos e as embalagens são colocados



em lixeiras apropriadas, lavados e distribuídos entre pólos de recebimento. A Faculdade de Ituverava recebe esses resíduos e os reutiliza para fins acadêmicos.

O programa de adequação ambiental feito pela empresa consiste na manutenção de um viveiro de árvores nativas com capacidade de 10 mil mudas e fornecendo 100 mil árvores por ano, que são plantadas para a preservação de mananciais e também doadas, quando solicitada.

“Parceria com escolas e adesão de colheita mecanizada são os pontos-chaves da usina. Palestras e visitas técnicas são oferecidas para alunos do curso de Meio Ambiente durante a semana ambiental. A colheita já é 100% mecanizada sem necessidade de queimar a cana de açúcar. Qualquer incêndio visto nas propriedades da usina é criminoso e as autoridades devem ser chamadas”, afirma Vera Lúcia.

Na visão do publicitário e coordenador do curso de marketing da Etec Pedro Badran, Luís Gustavo Parada. As empresas trabalham com duas vertentes da responsabilidade socioambiental. Seja para conseguirem motivar os seus

colaboradores e uma parcela do mercado que busque investir em empresas que não violem leis ambientais, ou vender uma imagem de responsabilidade socioambiental que atraia uma valorização da marca.

“Esta atitude não é considerada ética por muitos que condenam essas empresas que tentam passar a imagem de serem éticas, porém na realidade estão apenas preocupadas com sua imagem perante aos consumidores”, conta.

Ele ainda ressalta que a sociedade também precisa ser participativa nas ações de pós-consumo das empresas. Onde o recolhimento de materiais após o uso, sua reutilização ou descarte adequado devem ser medidas efetivas e que o consumidor necessite do conhecimento dessas ações.

“Por isso cabe a sociedade se envolver e conhecer os programas desenvolvidos e aplicados pelas empresas para que assim possamos apoiar e reconhecer qual realmente se preocupa com o meio ambiente e conseqüentemente com a sociedade onde esta está inserida”, finaliza.

INVESTIR NA SUSTENTABILIDADE PODE GERAR LUCRO

**EMPRESAS
CONSEGUEM
LUCRAR PENSANDO
DE FORMA
SUSTENTÁVEL.
EXEMPLO
EM RIBEIRÃO
PRETO AGRADA
EMPRESÁRIOS.**

Arnaldo Santos

Fotos: Arnaldo Santos

O que antes era descartado hoje é fonte de energia para uma grande área verde. O que era jogado fora, se transforma em novas receitas e satisfazem o paladar de diversos clientes. Este é um projeto que vem dando certo em restaurantes de Ribeirão Preto.

Um estudo feito pela ESALQ – USP, o Brasil desperdiça aproximadamente 1,5 milhão de toneladas de alimentos por ano, montante que daria para alimentar um país médio. No entanto, estabelecimentos alimentícios de Ribeirão Preto vão na contra-mão desses dados. Restaurantes da cidade participam de um programa que reduz o desperdício de alimentos e aumenta os lucros.

Com a iniciativa, os empresários, além de reduzir o desperdício, economizam água, luz e matéria-prima.

Além de reutilizar as sobras a fabricação de adubo orgânico.

O gerente Wellington dos Santos comanda um restaurante que desenvolve a ação de olho na sustentabilidade. O objetivo da iniciativa é reduzir as perdas de água, energia, resíduos e matéria-prima. Após mudanças na infraestrutura as contas de água e luz do restaurante diminuíram. “Instalamos lâmpadas econômicas em vários locais. Outra opção foi afastar os freezers e refrigeradores das paredes, visando a diminuição do consumo de energia.”, diz o gerente.

Até a lavagem de louças sofreu alterações. O gerente conseguiu reduzir em 40% os gastos com água e detergente através de ações simples, que qualquer um pode fazer, como a compra de um lava copos que custa, em média, R\$ 15. Ela utiliza uma quantidade muito pequena de água sanitária e detergente e consegue lavar muitos copos durante o dia.

Os pratos agora vão para um recipiente grande com



água sanitária. Posteriormente são lavados juntos para diminuir o tempo que a torneira fica aberta. Um borrifador mistura o detergente com a água e ajuda a diminuir a quantidade do produto de limpeza na esponja. Estas simples iniciativas também diminuem a quantidade de detergente que vai para na rede de esgoto.

No entanto, o grande vilão nos restaurantes é o desperdício de matéria-prima. Agora, o restaurante compra produtos em quantidades exatas para que não haja descarte. As cascas dos alimentos, que antes iam parar na lata de lixo agora viram adubo orgânico. A compostagem para o fertilizante fica pronta em três meses e é usada na horta do próprio restaurante, que produz mais de 20 alimentos orgânicos. Os resíduos também são aproveitados em novas receitas, como doces feitos com a casca de alimentos.

Ainda segundo o empresário, atualmente, as panelas grandes, com bastante comida, só nos horários de pico. Um levantamento feito pelo restaurante identificou os períodos com maior movimento e acabou com os exageros. Hoje, o tamanho das vasilhas diminuiu conforme cai o fluxo de clientes. Isso ajuda a manter os alimentos mais frescos no bufê e reduz desperdícios no fim do dia.

O gerente conta que deixou de desperdiçar quase meia tonelada de alimentos por mês. Ele comemora um aumento de 15% nos lucros. “Nossos lucros aumentaram com pequenas mudanças em hábitos antigos que tínhamos. Com uma substituição aqui, outra ali, as coisas se acertaram e caíram no gosto dos proprietários”.



Área de lazer sustentável

Visando a melhoria sustentável e rentável dos restaurantes, as poucas mudanças podem melhorar o reaproveitamento de alimentos e a reutilização de resíduos. A economista Luciana Monteiro explica que o desperdício de alimentos é um hábito dos brasileiros.

Atualmente, milhões de pessoas vivem em situação de insegurança alimentar, ou seja, figurativamente em uma situação de “saco vazio”. Enquanto isso, o nosso saco de lixo permanece se enchendo. Isso porque desperdiçamos boa parte dos alimentos que poderiam ser aproveitados. Esse é um hábito tradicional da população brasileira, que normalmente não utiliza partes não convencionais dos alimentos, que podem ser aproveitadas para preparar pratos saudáveis e sustentáveis — explica a economista.

No cenário nutricional, uma gama de estudos científicos comprovam que as sobras de frutas e legumes têm, em sua maioria, muito mais nutrientes e fibras do que as partes consumidas habitualmente. A nutricionista Bruna Faria explica que as fibras são nutrientes indispensáveis na dieta de uma pessoa, e que é nas cascas a sua maior concentração. “A casca de laranja, por exemplo, chega a conter até seis vezes mais fibras e 20% mais antioxidantes do que a polpa”, disse a profissional.

“Todos os alimentos que temos em nossa casa podem ser consumidos na íntegra, com exceção da casca de banana-da-terra e da casca do aipim, que são tóxicos. As partes que descartamos chegam a ser até 40% mais nutritivas do que aquelas que utilizamos”, completou.



Diminuição no desperdício de alimentos

O TEMPERO DA GASTRONOMIA

**O TEMPERO QUE HOJE
FAZ SUCESSO NO MUNDO
GASTRONÔMICO NÃO É A
CEBOLINHA, A PIMENTA,
OU ALGUMA SÁLVA.
O QUE TEM SEDUZIDO
OS COZINHEIROS E OS
EMPRESÁRIOS SE CHAMA
SUSTENTABILIDADE**

Larissa Onusik

Créditos das fotos:

A nova forma de cozinhar que está ganhando o mundo afora abrange mais do que o aproveitamento integral do alimento, também envolve a gestão da empresa, e da cozinha, estamos falando da gastronomia sustentável.

O Ateliê da Pizza, localizado em Ribeirão Preto, aplica este conceito há três anos. A gerente Cleide Aparecida Gonçalves explica que a pizzaria tem uma visão voltada à sustentabilidade. Ela revela que cascas (ovos, bananas, cenouras, batatas) são reaproveitadas para fazer um adubo natural. Na cobertura do próprio estabelecimento, está instalada uma horta mantida com esses adubos. Além de utilizar as cascas, Cleide diz que quando as plantas e as árvores do local são podadas, os galhos, as folhas

A nova forma de cozinhar que está ganhando o mundo afora abrange mais do que o aproveitamento integral do alimento, também envolve a gestão da empresa, e da cozinha, estamos falando da gastronomia sustentável.

O Ateliê da Pizza, localizado em Ribeirão Preto, aplica este conceito há três anos. A gerente Cleide Aparecida Gonçalves explica que a pizzaria tem uma visão voltada à sustentabilidade. Ela revela que cascas (ovos, bananas, cenouras, batatas) são reaproveitadas para fazer um adubo natural. Na cobertura do próprio estabelecimento, está instalada uma horta mantida com esses adubos. Além de utilizar as cascas, Cleide diz que quando as plantas e as árvores do local são podadas, os galhos, as folhas e as cascas que as árvores soltam são utilizados na composição do adubo.

O jardineiro que poda as árvores e corta as plantas já direciona os galhos e folhas para os tanques de compostagem. Neste local, as plantas são moídas por uma máquina. Depois esse material é depositado junto com as cascas para se transformar em

um adubo natural. A horta produz temperos que são utilizados na própria cozinha. Entre eles estão a cebolinha, o manjeriço, a hortelã, a salsa e o alecrim. Depois, esse ciclo se repete novamente.

O restaurante japonês Mirai, também aplica uma filosofia semelhante de sustentabilidade. De acordo com Sueli Hayashida, administradora do local, todas as etapas adotadas no estabelecimento são acompanhadas pelos sócios, que têm contato direto com os fornecedores das matérias-primas. Os proprietários também se preocupam em saber a origem dos produtos que serão utilizados nos restaurantes da rede. “Os donos visitam os locais e conferem as condições de trabalho, manuseio e cuidado com dos alimentos”, acrescenta Sueli.

Por uma preocupação sustentável, o restaurante Mirai não coloca no cardápio pratos feitos com animais ameaçados de extinção. Essa preocupação se justifica, porque a culinária japonesa utiliza muito frutos do mar e peixes. “Quando a oferta cai, o peixe é imediatamente retirado do cardápio”, ressalta Sueli.

Apesar de não ser totalmente focado na gastronomia sustentável devido à falta de recursos, o restaurante H2 Chopp, possui iniciativas sustentáveis. Florisvaldo Rodrigues de Moura, gerente operacional, explica que o restaurante não tem como contratar pessoas para fazer



esse trabalho. “Teríamos que contratar funcionários que ficariam responsáveis por isso, ou então terceirizar”.

O restaurante árabe possui iniciativas que colaboram para a sustentabilidade. O gerente conta que há uma empresa terceirizada que recolhe o óleo do restaurante, e leva para ser reaproveitado. Ele acrescenta ainda que um funcionário recolhe o óleo utilizado para produzir sabão em casa.

A gastronomia sustentável não se restringe à preparação dos alimentos. A trajetória do alimento também é fundamental. Quanto mais longe o alimento está do seu destino, mais poluição ele deixará por onde passa. Por isso, a escolha de fornecedores regionais é de extrema importância, critério que o Mirai leva em conta na hora de escolher as empresas que fornecerão os alimentos.

A gastronomia sustentável significa bem mais do que apenas o manuseio dos alimentos. Também envolve a forma do empreendedor administrar o estabelecimento. Há várias práticas que podem ser adotadas para uma gestão sustentável, inclusive de dois itens fundamentais: a economia de energia e de água.

Com a chegada da gastronomia sustentável, medidas foram tomadas para que a gestão do estabelecimento seja o mais bem aproveitado, e que os recursos não sejam desperdiçados. “Todos os equipamentos passam por revisão periódica com relatórios de ordem de serviços para manter um bom funcionamento. O consumo de água é mínimo, sendo utilizada somente na higienização dos hortifrúteis, lulas e para a higienização da área de manipulação, visando sempre a redução do desperdício de água. As embalagens são também sustentáveis. Elas não poluem e possuem selo de certificação”, revela Sueli.

O restaurante H2 Chopp também adota práticas sustentáveis para a gestão do estabelecimento. De acordo com Florisvaldo, o local conta com a instalação de lâmpadas de led, que possuem sensor de movimento e apagam sozinhas. “Essa foi a maneira que encontramos para baixar o custo de energia. Tivemos uma redução de gastos de cerca de 15% a 20%”, complementa Florisvaldo. Além disso, o estabelecimento faz a separação do lixo reciclável com o suporte de uma empresa terceirizada que realiza a coleta. ■

A HORTA PRODUZ TEMPEROS QUE SÃO UTILIZADOS NA PRÓPRIA COZINHA. ENTRE ELES ESTÃO A CEBOLINHA, O MANJERICÃO, A HORTELÃ, A SALSA E O ALECRIM. DEPOIS, ESSE CICLO SE REPETE NOVAMENTE

NOÇÃO DE CONSUMO

O CONSUMO SUSTENTÁVEL PASSA A SER PARTE IMPORTANTE NA VIDA DA SOCIEDADE, E COMO ELA BUSCA UM EQUILÍBRIO E UM RESPEITO MAIOR COM O MEIO AMBIENTE

Murilo Trevisan

Foto: Murilo Trevisan

Os problemas ambientais que estão no noticiário todos os dias são apenas um dos reflexos da poluição excessiva. O consumo tem grande participação nos problemas enfrentados pelo planeta, mas nem sempre foi assim. A parte mais idosa da população presenciou um mundo diferente quando eram mais jovens, onde o pensamento sustentável não possuía grande espaço naquelas gerações.

Sirlei Sciarretta, 76 anos, é professora aposentada e presenciou uma época em que as atitudes ligadas ao meio ambiente eram quase nulas na população: "Antigamente não existia essa preocupação. Reciclagem, separação de lixo e consumismo eram inexistentes, mas isso não significa que a poluição era descontrolada, todos tinham noção, mas não era tão claro e divulgado como é hoje" avalia.

Natural de Brodowski, no interior paulista, ela acredita que o contato que teve com o meio ambiente na infância ajudou para que ela se tornasse uma adulta

Novos produtos estimulam o consumo

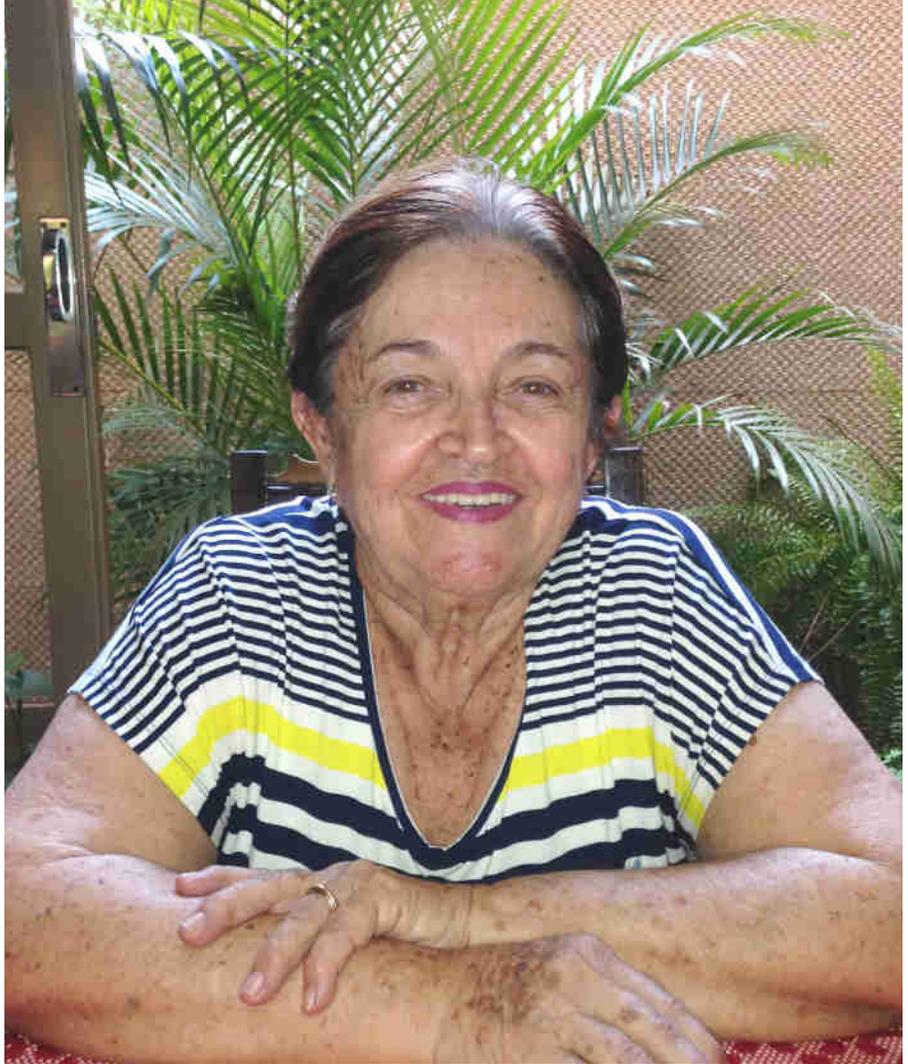


Foto Divulgação

responsável e transmitisse esse conhecimento para filhos e netos. “Com o passar dos anos, o mundo foise modificando. Uma mudança quesintonapele é a da temperatura, antigamente era mais fresco e não existia todo esse cuidado com o sol. No consumo, tudo era menor, até por motivos financeiros. Compravam apenas o necessário e não tinham exageros”, afirma a aposentada. Ao comparar o mundo atual com o que viveu no passado, ela garante: “hoje é tudo mais complicado. Ainda sou uma pessoa economicamente ativa como qualquer outra, sei do impacto que certas atitudes geram e acredito que falta conscientização. Seja feita dentro de casa ou na escola, precisamos passar aos jovens um pensamento que vá ao encontro das necessidades do meio ambiente”, conclui Sirlei.

A visão do jovem de hoje também é de responsabilidade com o meio ambiente. A estudante Beatriz Rossi, 18 anos, acredita que sua geração já possui uma consciência sobre o consumismo e o impacto no meio ambiente. “Como estudante e cidadã, é uma obrigação da minha parte ter um pensamento sustentável. Vemos na sala de aula os impactos ambientais gerados pelo consumo”, afirma.

Para a estudante, as mudanças climáticas já afetam a população mundial. “Minha geração será a mais afetada por essas alterações. A sociedade precisa entender que existem novos meios para o consumo e que atualmente o exagero não tem espaço num mundo onde menos vem se tornando mais”, conclui a estudante.



Sirlei avalia que cresceu a consciência ambiental

Consumindo

Recentemente, a Natura, marca conceituada de cosméticos no Brasil, vem trabalhando com projetos sustentáveis na Amazônia. Com nome de “Visão Sustentável 2050”, a Natura busca diminuir a produção de gases causadores do efeito estufa e também trabalha junto a comunidades agroextrativistas na Amazônia, com projetos sociais e ajudas na biodiversidade da região. A marca pretende, partindo desse princípio sustentável, ser uma empresa de impacto positivo ao meio ambiente.

No ramo de alimentos, marcas como a Nespresso, a Orgânicos Native, a Taeq e a Do Bem são

destaques em sustentabilidade no Brasil. “Empresas com práticas sustentáveis devem ser valorizadas pelos proprietários de negócios ligados ao comércio de alimentos e também do ramo de alimentação. É importante que esse apoio também parta de nós”, avalia Lucas Fonseca, representante de um supermercado de Ribeirão

Algumas empresas já estão fazendo sua parte na busca por produção de bens sustentáveis, mas a participação da população no desenvolvimento de estratégias de consumo sustentável é fundamental para que seja criada uma sociedade que respeite mais o meio ambiente.

O CONSUMISMO SEM LIMITES

EM UMA SOCIEDADE DOMINADA PELA PROPAGANDA DE MASSA, AS PESSOAS ESTÃO ASSUMINDO COMPORTAMENTOS EXAGERADAMENTE CONSUMISTAS QUE, EM ALGUNS CASOS, CHEGAM A SER DOENTIOS

Andreas Borges

Foto: Andreas Borges

Segundo o doutor em sociologia Sérgio Grande, os impactos negativos que já são percebidos na natureza ainda poderão ser vistos no futuro, caso essa mentalidade e comportamento consumista não mudem. "O indivíduo precisa se conscientizar de que tem que cooperar, respeitar o planeta. Os impactos ainda são muito grandes. Além do impacto da natureza, ocorre o impacto na qualidade de vida das pessoas. O indivíduo que consome a mais é um indivíduo que não é feliz, pois projeta aquela frustração, num primeiro momento, naquele objeto, mas como é uma frustração canalizada para o consumo, logo ele vai enjoar daquele objeto. O problema mais grave nessa questão é o ser humano não ter um norte existencial e ser um consumista quase que compulsivo".

A ideia de consumo sustentável é promover a reflexão dos hábitos de consumo da população, despertando assim a consciência ecológica. Pensando dessa maneira, o consumidor deve adquirir somente o que for necessário para suprir suas necessidades básicas de sobrevivência, evitando a aquisição de produtos supérfluos, o desperdício, contribuindo assim para a preservação ambiental.

Sabendo que se trata de um tema muito complexo, muitas empresas no Brasil têm mudado a forma de fabricação de produtos. Algumas medidas estão sendo tomadas já na fabricação dos produtos.

É o caso da Natura que acabou de ser considerada a segunda empresa mais sustentável do mundo, segundo o ranking da empresa canadense de pesquisa Corporate Knights. Por três anos consecutivos, a Natura figura entre as 100 empresas do ranking, mas este ano, o segundo lugar realmente, coloca em uma posição especial.

"Receber esse reconhecimento, sem dúvida, é importante e um ótimo indicativo de que estamos re-

almente no caminho certo com a sustentabilidade, mas o que é gratificante de verdade é saber que conseguimos, no nosso dia a dia, produzir e vender produtos, tornar esse mundo melhor para se viver. E não pensem que para por aí. O compromisso e objetivo da Natura é avançar e melhorar sempre”, disse Alessandro Carlucci, diretor-presidente da empresa.

Ainda segundo Carlucci, sustentabilidade e consumo são as prioridades da Natura, já que a empresa objetiva uma boa relação com os consumidores e também oferecer qualidade em seus produtos “Impactos ambientais e sociais é assunto sério na Natura. Isso não é mais novidade para a gente. A sustentabilidade é hoje uma diretriz no planejamento estratégico da empresa. Todos nós estamos de parabéns, pois fazemos parte deste resultado”, conclui Carlucci.

Consumidor

O consumismo entra em conflito com a sustentabilidade a partir do momento que se produz muito lixo desnecessário. Como se consome muito, o mercado precisa oferecer novos produtos e para isso utiliza os recursos naturais.

Letícia Fugisawa é consumidora de produtos orgânicos há 4 anos. Segundo ela, a preferência por es-

ses produtos veio de uma necessidade que acabou se tornando um hábito no seu dia a dia.

“Além de melhorar minha saúde, ajudou também no controle do peso, pois tem menos conservantes e o processo de fabricação é o mais natural possível. Também é uma forma de contribuir para o meio ambiente”, diz.

Ainda segundo Letícia, a mudança de hábito dela serve de inspiração para as outras pessoas da família, como seus pais que escolheram uma alimentação mais saudável.

“Vejo que essa mudança da minha parte contribui nem que seja um pouco para melhorar a vida no planeta, mas tenho certeza de que se outras pessoas tivessem esse pensamento, essas mudanças climáticas que estão acontecendo não teriam mesmo impacto como vemos atualmente”, conclui.

Segundo Sérgio, a sociedade tem uma tendência de escolher produtos que sejam sustentáveis, mas alerta que, por conta do preço, opta outros produtos. “Há uma tendência sim, mais ainda o que define o consumidor, na hora da sua escolha, quase sempre é o preço. Ainda estamos longe da realidade da escolha do produto pela sua qualidade, objetivando também a qualidade sustentável. Não há dúvida de que é uma tendência, mas ainda não é uma realidade que abranja toda a população”, analisa o sociólogo. ■



Sustentabilidade faz parte do planejamento estratégico da Natura

**A IDEIA DE CONSUMO
SUSTENTÁVEL É
A DE PROMOVER
A REFLEXÃO DOS
HÁBITOS DE CONSUMO
DA POPULAÇÃO,
DESPERTANDO ASSIM
A CONSCIÊNCIA
ECOLÓGICA**

PLANTANDO UM FUTURO MAIS VERDE

A CASA DAS MANGUEIRAS OFERECE, HÁ 33 ANOS, ATIVIDADES INCLUSIVAS QUE CONSCIENTIZAM OS JOVENS SOBRE A SUSTENTABILIDADE

Pedro Jacintho

Fotos: Pedro Jacintho



Estímulo à relação harmônica com o meio ambiente

F. olha fixo para a horta da Casa das Mangueiras, como quem se perde nas memórias. O menino tem o olhar sério e já começa o seu processo de metamorfose, começando a se fechar no seu casulo da adolescência, para que, daqui alguns anos, saia dele adulto. No tempo em que ficou ali, ele plantou, cultivou e colheu vários frutos, não só para a horta, como também para a sua vida.

A Casa das Mangueiras atua no complexo do Ipiranga há 33 anos e, atualmente, recebe 85 jovens de faixa etária de 6 a 15 anos, de segunda a sexta-feira, no período da manhã e tarde. A organização educa os jovens de modo que criem uma relação harmônica com o mundo ao redor deles, em especial com a preservação e a melhoria do meio ambiente.

A prioridade da Casa é acolher jovens considerados vulneráveis, como, por exemplo, aqueles que são de família de baixa renda, encaminhados pelo conselho tutelar por sofrerem negligência ou violência, ou portadores de necessidades especiais. No entanto, muitos dos jovens estão na instituição porque os pais buscaram a Organização Não Governamental, após procurarem um local onde poderiam deixar os filhos depois da escola.

Antes de serem acolhidos, os jovens passam por uma avaliação realizada por assistentes sociais, que definem se eles realmente se encontram em uma situação que necessitam do acolhimento. Na organização, os jovens também recebem apoio de psicólogos e de pedagogos.

Ecopedagogia

F. teve a infância marcada por relações familiares conturbadas, que fizeram com que fosse afastado dos pais pelo conselho tutelar. Na Casa das Mangueiras, aprendeu a transformar todas as carências em preocupação e em cuidado com o mundo a sua volta, através de ações sustentáveis.

A conscientização das crianças é a base da construção de um futuro melhor, como diz João Gabriel Manzi, coordenador de relações institucionais da Casa das Mangueiras. Segundo João, a instituição busca ajudar os jovens a construir “projetos de vida e de sociedade, em não só de preservação do meio ambiente”.

F., por exemplo, não entendia o porquê de reciclar materiais ou plantar alimentos organicamente quando foi acolhido, porém, em pouco tempo, aderiu aos ideais de sustentabilidade. R., sua colega, quase da mesma idade, acolhida a pedido dos pais, já repassa na sua casa os ensinamentos sobre sustentabilidade, quem sempre são bem entendidos, mas acabam gerando resultados.

Horta Orgânica

Na horta orgânica, exemplodeatividade inclusiva, o plantio é realizado com métodos totalmente naturais: nada de fertilizantes ou de inseticidas. Em grande parte, quem planta, cultiva e colhe as verduras e legumes são as próprias crianças. Os adultos somente realizam uma manutenção por mês da horta.

De todas as crianças que cuidam da horta orgânica, D. tem um carinho especial por tudo o que cultiva. O menino, já adolescente, entrou na Casa após os pais procurarem a instituição, pois ele possui síndrome



Adolescentes criam os próprios brinquedos

de down. A participação de D. nas atividades da organização fizeram com que ele, próximo dos colegas, se desenvolvesse cada vez mais. Isto, talvez, não aconteceria numa escola tradicional, que provavelmente optaria por colocar o adolescente em atividades à parte. Este é um bom exemplo do que Manzi observa sobre a Casa das Mangueiras. A instituição também busca suprir o que, muitas vezes, falta nas escolas comuns.

Arte Sustentável

A Casa das Mangueiras realiza oficinas de arte sustentável para os jovens. Nela, são realizadas atividades como a coleta e o artesanato de materiais reaproveitados, no qual as crianças podem fazer brinquedos

para elas mesmas, como é o caso de M., que há pouco tempo fez um abanecade garrafa PET. A menina fica na Casa após sair da escola de manhã. Ela é filha de uma mãe solteira, que trabalha como diarista à tarde. Por isso, a mãe dela procurou a organização para que não deixasse a menina sozinha em casa.

Na escola em que estuda, muitos de seus colegas sonham em ganhar brinquedos feitos em fábricas. Ela, por sua vez, aprendeu que brinquedos novos e únicos podem ser feitos, basta saber reaproveitar alguns materiais descartados. Manzi afirma que o objetivo dessas oficinas é justamente “estimular a criatividade e a autoestima das crianças, além de prover recreação como os brinquedos que elas fazem”.

Jovens participam de oficinas sustentáveis



NA CASA DAS MANGUEIRAS, OS JOVENS APRENDEM A RESPEITAR O PLANETA COM AULAS E ATIVIDADES BASEADAS NA SUSTENTABILIDADE.

ALFABETIZAÇÃO SUSTENTÁVEL

**ESCOLAS FAZEM
OS ESTUDANTES
COLOCAREM A
MÃO NA MASSA
PARA APRENDEREM
NOÇÕES DE
SUSTENTABILIDADE**

Pamela Baldin

Foto: Estéfanie
Nicomedio

Alface, rúcula, couve, pepino, além de ervas, como hortelã, melissa, orégano e também frutas, como acerola, jaboticaba e maracujá, abastecem a merenda da escola Municipal de Educação Infantil Áurea Aparecida Braghetto Machado, localizada em Ribeirão Preto.

A escola desenvolve um projeto de horta pautado na sustentabilidade e conta com a cooperação de 191 alunos, com idades entre 2 e 6 anos, que colocam a “mão na massa” e participam do plantio e do cultivo da horta escolar.

Com uma iniciativa de remodelagem de uma horta já existente, criatividade e empenho, professores e funcionários desenvolvem nas crianças o amor e respeito pela terra e, por meio de aulas práticas, ensinam qual a diferença dos alimentos saborosos em contrapartida com os saudáveis.

Segundo a diretora Denise Aparecida Duarte Cherfan, os alunos ajudam no cultivo das hortaliças e frutas demonstrando entusiasmo. “Uns se encantam com as mudas, outros com a rega, outros com o desenvolvimento, além de várias outras linguagens”, conta.

A horta serve como objeto de estudo interdisciplinar, onde o solo possibilita o contato das crianças com a terra. “O solo precisa ser preparado para o sucesso da horta, ou seja, precisa ser fofo, arejado, com boa umidade e com adubo orgânico para produzir alimentos mais saudáveis, uma vez que esses serão manuseados e ingeridos pelas crianças”, explica a diretora. A escola construiu um jardim sensorial com 12 metros de percurso, com tamanhos e cores variadas, de pe-

drinhas e grama. É nesse jardim que são plantados tomate cereja, hortelã, manjeriço e arruda, além das plantas ornamentais.

Na cozinha da escola, há uma divisão de alimentação escolar, com profissionais da área de nutrição, que preparam o cardápio da escola. “Observamos que quando avissamos que a verdura foi colhida na horta existe uma aceitação melhor”, conta a diretora da escola.

A diretora Denise conta que os familiares também ajudam na construção dos canteiros e dessa forma as hortas contribuem na inserção da comunidade, onde o projeto é capaz de levar ensinamentos de práticas sustentáveis não só restrito aos alunos, mas também a toda comunidade.

Práticas sustentáveis

A escola Sathya Sai, localizada no bairro Ribeirão Verde, zona periférica de Ribeirão Preto, também desenvolve um projeto de horta, chamado “Escola Sathya Sai-somos todos luz”, com ênfase na sustentabilidade através do plantio de hortaliças e oficinas de tecnologias sociais.

Alface, salsinha, cebolinha e mandioca abastecem a cozinha da escola que tem como objetivo beneficiar 240 alunos do Ensino Fun-



Crianças participam do plantio e cultivo de horta escolar

damental ao Médio, além de servir a comunidade.

A horta faz parte de um projeto que conta com voluntários especialistas em educação ambiental e traz grandes aprendizagens para a sala de aula. Como vivências com a natureza e todos os organismos que nela vivem, desenvolvimento da consciência ambiental e da alimentação saudável, denominações de responsabilidade, além da produção de alimentos.

Os alunos participam do plantio de acordo com suas capacidades. As tarefas são atribuídas por série, cada uma com sua limitação, grau de entendimento e aproveitamento, realizando atividades como plantio, adubação da horta, irrigação e colheita.

O preparo do solo para o plantio é realizado com a utilização de adubos orgânicos de origem animal (fezes de vaca) e vegetal. “Prendemos também macrescentar adubo orgânico da composteira”, conta Estéfanie Nicomedio.

De acordo com a estagiária, a escola ainda não tem condições de

manter a merenda para 240 alunos, somente funcionários e professores almoçam no local. “Ainda não tivemos a colheita, mas a intenção é servir a comunidade e, dependendo da produção, os alunos vão levar pra casa esse alimento”.

A oficina também faz parte do projeto. Foi construído um desidratador solar de alimentos que utiliza a energia solar para criar um fluxo de ar quente e assim, desidratar frutas, legumes e temperos “A desidratação mantém praticamente, os mesmos valores nutritivos dos alimentos”, explica o especialista em educação ambiental Ronaldo Munenori Endo.

Também foi desenvolvido, um fogão solar parabólico utilizando materiais recicláveis e de baixo custo, capaz de cozinhar vários tipos de alimentos, utilizando apenas a energia solar. “Para a educação é um prato cheio, pois além de possibilitar reflexões sociais, permite trabalhar conceitos como irradiação, efeito estufa, decomposição de alimentos, entre outros”, afirma o especialista ambiental.

**OS FAMILIARES
TAMBÉM AJUDAM NA
CONSTRUÇÃO DOS
CANTEIROS E DESSA
FORMA AS HORTAS
CONTRIBUEM NA
INSERÇÃO DA
COMUNIDADE**

REVESTINDO O VESTIDO

**BRECHÓ
TOTALMENTE
SUSTENTÁVEL E
PROFISSIONAIS
DO MUNDO DA
MODA MOSTRAM
QUE É POSSÍVEL
RECONFIGURAR
A FORMA DE SE
VESTIR A FIM DE
CONSCIENTIZAR
AS PESSOAS DOS
PROBLEMAS SOCIAIS
E AMBIENTAIS QUE
AS ROUPAS DE FAST
FASHION CARREGAM**

Ananda Santos

Fotos: Carolina
Machado

Saia de cortina, vestidos criados de calças jeans velhas, sapato customizado com glitter e brincos de retalhos são algumas das peças produzidas pelo Retroq, o brechó e ateliê que foi criado sob a vertente da sustentabilidade na moda, onde nada é desperdiçado e tudo é reaproveitado.

Dos setores industriais e comerciais que vêm se preocupando com o futuro do planeta, a moda se destaca pelas alternativas que tem encontrado para contribuir com a causa. A procura por produtos dessa indústria é crescente. Pensando nessa demanda, empresas, grandes marcas e estilistas vêm dando destaque ao tema sustentabilidade e transformando o que o mercado da moda enxergava como tendência em comportamento. A sustentabilidade na moda consiste em transformar o meio e todo o seu formato, começando por tentar trocar o pensamento do consumo desenfreado para o do consumo consciente. Essa temática vem ganhando defensores que tentam equilibrar a necessidade com a economia e o respeito à natureza.

Um caso de amor com a moda e o meio ambiente que começou há quatro anos. Essa é a história do Retroq, um ateliê e brechó que fica no Jardim Macedo em Ribeirão Preto. Amigas há tempos, foi há quatro anos, quando trabalharam juntas em uma loja, que Lailah Cury e Marina Pereira decidiram mudar suas vidas e de outras pessoas através da moda. As duas são psicólogas, nenhuma tem formação na área da costura e da criação, mas os ideais eram os mesmos. Elas tinham a vontade de conscientizar a sociedade sobre os descartes de roupa e o impacto que isso causava no meio ambiente, além de ir contra os padrões de consumismo determinados pela sociedade. "A minha crítica com a moda era mais relacionada ao meio ambiente e a Marina estava mais ligada às questões sociais políticas. Aí a gente acabou juntando isso", relata Lailah.

Foi questionando o consumismo e pensando em reaproveitar peças que as duas sócias organizaram um bazar. Lailah já havia morado alguns anos em São Paulo e tinha tentado montar um brechó que acabou não dando certo. Quando veio para Ribeirão Preto, trouxe todas as peças que não foram vendidas. Além disso, elas divulgaram a ideia para os conhecidos e arrecadaram diversas roupas. Esse primeiro bazar aconteceu na rua, em frente a um restaurante de comidas naturais, de forma experimental, e foi bem sucedido. Outros bazares vieram e a procura era cada vez maior, então elas decidiram alugar um espaço, montar um brechó e um ateliê com endereço fixo que funcionasse de todos os dias. Nasceu o Retroq.

O Retroq é totalmente sustentável, não há investimento de dinheiro em tecidos, peças ou sacolas. Tudo é ganho e reaproveitado, até mesmo os móveis. Cadeiras e mesas doadas de bares, bancadas feitas a partir de paletes, as folhas para impressões são reaproveitadas de xerox, nada é novo. “Nossas sacolas, desde o primeiro bazar, foram sacolas que eu tinha em casa e aí comecei a pedir para que nos doassem. Nunca compramos sacolas e nunca faltou”, conta Lailah. A principal característica do Retroq é que não são vendidas peças no-

“SUSTENTABILIDADE TEM PROPORCIONADO UM STATUS DE IMAGEM POSITIVA NO MERCADO FASHION POR ENVOLVER ECONOMIA, ECOLOGIA E SOCIEDADE”

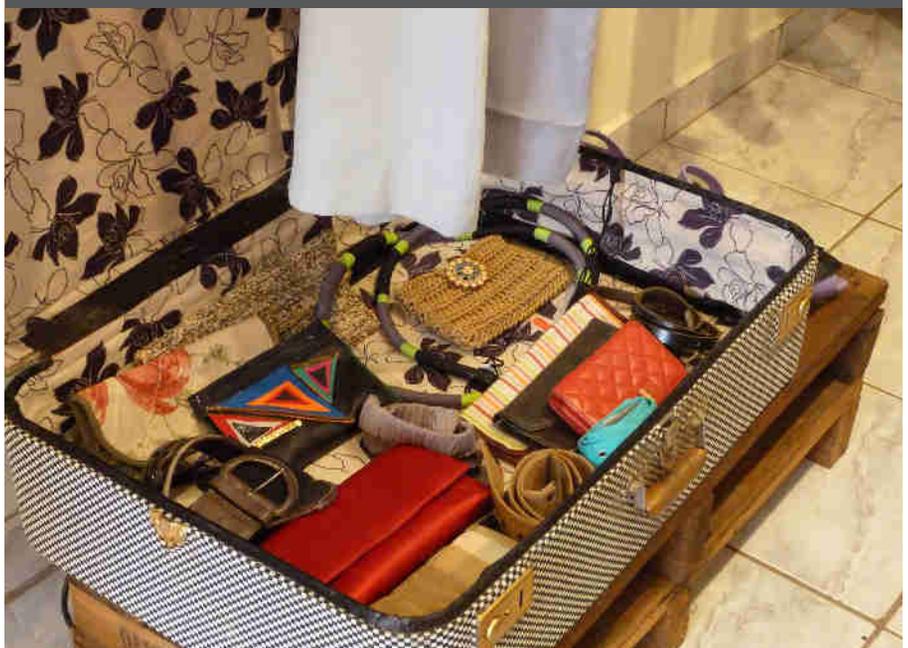


Moda vegana quer trocar o consumo desenfreado pelo consciente

vas. Além de funcionar como ateliê para reformar roupas dos clientes e consertar peças que são ganhas com algum defeito, Lailah e Marina têm uma linha própria de roupas conhecida como “Tá novo de novo”. Essa linha é criada a partir da produção de materiais de descarte. É feita uma customização em produtos já existentes e que na teoria seriam descartados por apresentarem defeitos ou muito tempo de uso. As empresárias fazem a ressignificação daquela peça, ou seja, atribuem um novo valor e um novo sentido àquela produção. Além disso, há as

criações que nascem de outras matérias-primas como, por exemplo, uma saia produzida com cortina ou um guarda-sol. Marina conta que na desconstrução das roupas, o Retroq tenta desconstruir também novos padrões. “Nossa produção, feita com material de descarte, também é uma produção contra hegemônica dos padrões de beleza e da própria moda. Nesse sentido, o Retroq se configura num espaço de moda sustentável e na troca de consciência crítica e social”, esclarece Marina. A produção voltada para esse tema tem um custo mais elevado

Acessórios Customizados





quenão podeseer ignorado. Aindasim, muitas pessoas vêm mudando seus hábitos e se dispõem a pagar mais caro por produtos que tenham um significado ambiental.

Para tornar completa essa linha do “Tá novo de novo”, Marina e Lailah estão contando com uma participação especial de Emaye Natália Marques, uma amiga que é artesã que com pedaços de tecidos que sobram das roupas, embalagens de shampoo e outros objetos reaproveitáveis, produz acessórios sustentáveis do brechó. E não é apenas no Retroq que o tema sustentabilidade ganhou espaço, ele é um fator determinante em diversas áreas da sociedade, pois no século XXI a necessidade de se repensar em uma forma de vida onde as futuras gerações não sejam prejudicadas vem conquistando o mundo todo.

A customização de peças foi uma das saídas que a moda encontrou para economizar. A prática evita o desperdício, estimula a criatividade e preserva o meio ambiente. Blogueiras de moda vem conquistando a cada dia mais o público jovem feminino com ideias inusitadas de como customizar peças antigas e que seriam dispensadas. Depois da customização, até os valores de mercado de determinados produtos passam a serem outros. Ana Secani é professora de moda em

uma escola de Ribeirão Preto e estilista formada há 10 anos. Ela conta que dá sim para unir a elegância com sustentabilidade e responsabilidade social. “A elegância está nas inovações que geram conforto, design exclusivo e inclusive tranquilidade na mente uma vez que passamos a saber que o que está sendo consumido minimiza um pouco o impacto em nosso planeta”, explica Ana. Ela ainda considera que as pessoas consomem essas peças baseando-se nos valores humanos e se desprendendo do status.

Não é apenas em brechós que se aborda essa questão, as lojas de peças comuns, como shoppings e feiras, também vêm discutindo e tratando disso há algum tempo. Tania Lima é consultora de moda e marketing há 35 anos e diz que a sustentabilidade ganhou destaques na moda a começar pela implantação de projetos nas escolas de moda, onde o propósito era de despertar o olhar dos alunos para as criações partindo de matérias-primas recicláveis. “Os trabalhos mais interessantes em sala de aula, surgiram a partir do uso de matérias como: câmara de ar de pneu de caminhão, cacos de vidro coloridos, tampas de margarina recortadas para serem pintadas e utilizadas como enormes paetês, bambu, folhagem de cana, restos de cascalhos de ostras, entre outras ideias muito criativas”, conta Tania. A professora acredita que a sustentabilidade tem proporcionado um status de imagem positiva no mercado fashion por envolver economia, ecologia e sociedade.

A produção voltada para esse tema tem um custo mais elevado que não pode ser ignorado. Ainda sim, muitas pessoas vêm mudando seus

hábitos e se dispondo a pagar mais caro por produtos que tenham um significado ambiental. O mais importante é a conscientização para que esse processo possa se tornar mais acessível a todos os públicos. “Quanto mais a sociedade considerar a moda sustentável como uma solução viável, mais a escala de produção desta moda aumentará e conseqüentemente diminuirá os preços das peças”, afirma Tania. As marcas de Fast Fashion, termo usado para caracterizar marcas que produzem muito, continuamente, vendem com preços baixos e que induzem os consumidores a comprar sempre para estar renovado, são as principais inimigas nesse processo de conscientização citado pela professora.

carência de recursos para as futuras sociedades, reservando para si suprimentos de necessidade sem que tenha qualquer responsabilidade pelo futuro”, diz Tania.

A moda vem incentivando o consumo de qualidade em vez de quantidade tentando bater de frente com a vertente do consumismo. “Alguns estilistas já tem fortemente criticado o fast fashion, que tira a oportunidade da moda de trazer conceito artístico, cultural e consciente, inclusive na mão de obra que desempenha o feitiço de cada peça. O estilista Ronald Fraga recentemente afirmou ‘Fast Fashion pinga sangue’”, conta Ana Secani sobre o modo de como são feitas peças desses tipos de marcas de produções em larga escala. A moda vem pro-

que a moda vem sim tomando não só gosto pelo tema sustentabilidade como consciência da importância, assim como seus consumidores.

Em contrapartida a essa vertente, Marina Cury, uma das sócias do Retroq, acredita que pela estrutura sociopolítica da sociedade, o mercado tenta tirar proveito do tema de todas as maneiras possíveis para vender. “A moda sustentável e todo esse crescimento no mercado é um maneira do próprio mercado de se apropriar disso e continuar fazendo o que faz: degradando o meio ambiente”, conta Marina. A empresária afirma que não é possível saber se essa questão é apenas uma tendência ou se veio para ficar, mas que neste momento o melhor a se fazer é aproveitar essa corrente se apropriando das boas práticas para aumentar o conhecimento das pessoas nessa área. “Nosso objetivo é fazer com que as pessoas troquem todo seu guarda-roupas de Fast Fashion por uma saia feita de cortina, por exemplo”, relata Marina sobre a intenção da conscientização ambiental e sustentável.

Para que essa conscientização se torne real, Marina e Lailah atendem a cada cliente de forma individual e não apenas vendendo peças, mas explicando para seus clientes a proposta da roupa reconfigurada. “Quem vem no Retroq não sai o mesmo. Mais do que vender roupas, nosso trabalho é conversar com as pessoas sobre o meio ambiente, o trabalho escravo e o reaproveitamento. Por mais que ela venha só para comprar roupa, deixamos uma sementinha plantada nela”, conta Marina. ■

“DEPOIS DA CUSTOMIZACAO, ATE OS VALORES DE MERCADO DE DETERMINADOS PRODUTOS PASSAM A SEREM OUTROS.”

Para ela, a moda vem, sem dúvidas, incentivando o consumo criativo e também o consumo colaborativo, onde o menos é mais e a acessibilidade se torna mais relevante do que a propriedade. Um bom exemplo de marca citado por Tania é a Osklen que vem ganhando destaque no trabalho sustentável no Brasil. A marca utiliza peças confeccionadas a partir de materiais recicláveis, orgânicos e naturais, além de envolver cooperativas e comunidades para contribuir com o desenvolvimento socioeconômico de outras comunidades. O consumidor da moda vem se tornando mais exigente em relação à causa da sustentabilidade. “As pessoas conscientes compreendem que não devemos comprometer o ambiente e gerar

curando alternativas para entrar nessa questão da responsabilidade social e tentar fazer algo diferente em relação às questões ambientais.

Até o momento já foram feitas mudanças de matérias-primas que retiram muitos recursos naturais do meio ambiente, a utilização de materiais descartados para produzir novas fibras. “Temos como exemplo a Melissa, marca brasileira de sapatos que atinge um mercado internacional de calçados e acessório que é totalmente veggie e tem grande preocupação com os impactos ambientais, escolhendo com primor cada componente químico, cada matéria-prima usada para essa fabricação”, exemplifica Ana. Tanto Tania quando Ana, contam

FASHION À MODA VEGANA

**EMBORA SEJA
POUCO CONHECIDA
E DIFUNDIDA, A
MODA VEGANA JÁ
CONSEGUE GANHAR
OS CORAÇÕES
DE HOMENS E
MULHERES**

Carolina Machado

Com o intuito de buscar uma vida saudável, muitas pessoas têm optado por uma alimentação diferente. Dentre diversas alternativas, há quem prefira o cardápio vegano, quem não consome produtos de origem animal. Esse estilo de vida veio crescendo rápido, até que chegou ao guarda-roupa. Hoje, a moda vegana vem conquistando seu espaço no mercado de fashion, um estilo moderno e sustentável para quem procura o melhor para o meio ambiente.

A fabricação dessas roupas surge do mesmo viés da alimentação. São roupas produzidas sem provocar o sofrimento animal e feitas de forma artesanal.

Elas são produzidas a partir de materiais 100% vegetais, como algodão orgânico e sintético, com impacto ambiental mínimo. “Hoje, trabalhamos com calçados feitos de solado de borracha reciclável e fios de garrafa pet reciclada”, diz Gabriel Silva, criador da marca de calçados veganos Ahimsa.

“Quando me tornei vegano e não encontrei produtos que pudessem me atender, dentro dos meus conceitos de estilo e de moda, criei uma marca que pudessem me atender e a todos que possuem gostos similares”, conta Gabriel.

A produção de roupa vegana é escassa e não é desenfreada, de modo que ficou conhecida como “slow fashion”, uma alternativa que ganha força no mercado contra à produção de massa.

A moda vegana objetiva o melhor para o meio ambiente. “O famoso fast fashion (moda rápida) é sujo em toda a cadeia produtiva”, conta Carolina Henriques, dona da loja VerDeFatto em Ribeirão Preto. Carolina abriu a loja quando conheceu o fast fashion e por sentir falta



Empresa de Franca produz manualmente sapatos confortáveis

de lojas sustentáveis. “Já tinha passado a hora de existir uma loja que tenha consciência sobre o consumo em Ribeirão Preto”, relata.

Transformação do mercado

Em Ribeirão Preto, o mercado da moda vegana é muito recente, há poucos lugares com essa ideia. “Infelizmente, o Brasil está atrás neste sentido e Ribeirão Preto ainda mais. Estamos trabalhando para fortalecer este mercado”, comenta Carolina.

O material utilizado para produzir essas peças é outro, e só dessas marcas se inserirem no mercado já acontece uma ‘revolução’. Cada loja opta por um material e etapa sustentável que ilustra a moda ecológica e vegana. “Somos a única fábrica de calçados em Franca que utiliza apenas cola a base de água. Possuímos contratos de coleta seletiva específica e segmentada, não conseguimos encher nenhum latão de lixo por semana”, conta Gabriel.

Preço da moda

Apesar da proposta sustentável, o custo de uma peça vegana ainda é maior. Para Gabriel, “os custos são similares a produtos comuns, com a diferença da mão de obra que é mais especializada e manual, o que o torna um pouco mais caro que o habitual”.

Enquanto para Nicole Bustamante, criadora da marca de roupas veganas que levaseu nome, é difícil manter o valor dos produtos no preço médio do mercado e ainda competir com uma fast fashion que produz na escala dos bilhões. “Produzir na China em quantidade alta é infinitamente mais barato que no Brasil com oficinas de costureiras com carteira assinada”, compara Nicole.



O conforto das roupas feitas com algodão orgânico

“É mais caro trabalhar com fair trade (comércio justo) e com qualquer material orgânico e de impacto ambiental menor, isso porque a demanda por esse tipo de material é baixa”, explica Nicole. “Ser ético sai mais caro para quem produz, e isso reflete no preço final do produto”, completa.

Patrícia Maria Azevedo, cofimaker da marca carioca vegana, a Cofi Wear, acredita que quem procura um produto artesanal, com a pegada slow fashion, sabe valorizar este tipo de investimento. “Dependendo do produto, pode chegar a 40% do valor do preço. Só que devemos começar a pensar em consciência e valor humano antes de pensarem dinheiro”, afirma Patrícia.

**ESSE PERÍODO DE
MUTAÇÃO DA MODA
ACABA ABRINDO
ESPAÇO PARA
NOVOS CONCEITOS
SUSTENTÁVEIS**

Preocupação real

Esse período de mutação da moda acaba abrindo espaço para novos conceitos sustentáveis, e tem mostrado que no fundo existe uma real preocupação sobre o futuro e o meio ambiente. “Tentamos todos os dias melhorar nossos processos e produtos para evoluirmos nesse quesito”, comenta Gabriel.

A Ahimsa monitora desde as embalagens até a seleção de parceiros, para não correr nenhum risco de saírem da linha sustentável. “Nascemos com essa cultura, é fácil traduzir essa preocupação para tudo que fazemos”, conta Gabriel. Porém, a instrução para essa moda é fraca. “Do lado do consumidor, e talvez de algumas empresas, podemos enxergar o fator ‘cool’ da sustentabilidade tendo mais peso do que a real preocupação”, continua Gabriel.

Já Nicole acredita que a moda vegana precisa ser uma preocupação de quem veste e de quem produz essas peças. “Pelo bem de nossa sobrevivência, precisamos dessa conscientização, tanto como consumidores como produtores”, afirma.

A SUSTENTABILIDADE NA CASA DE PORTINARI

NINGUÉM IMAGINA QUE NO MUSEU CASA DE PORTINARI EXISTE UM PROJETO SUSTENTÁVEL QUE DESENVOLVE ATIVIDADES PARA A CONSCIÊNCIA AMBIENTAL DE FUNCIONÁRIOS E DE VISITANTES

Talita Robinato

Foto: Divulgação

Quem visita o Museu Casa de Portinari, localizado em Brodowski, encanta-se com as obras do pintor mundialmente conhecido Candido Portinari, realizadas diretamente nas paredes da casa. Os móveis antigos também contribuem para o deslumbramento dos visitantes, sejam eles jovens ou adultos. Porém, muitos não imaginam que, por trás de uma instituição que exala cultura e arte, existe um pensamento ecológico e sustentável.

O museu desenvolveu, nos últimos anos, um projeto de sustentabilidade, que promove ações para a preservação do meio ambiente. Segundo a gerente geral da instituição, Cristiane Maria Patrici, a sustentabilidade é algo de extrema importância nos dias atuais. "Habitamos um planeta que necessita urgentemente de ações voltadas para um desenvolvimento sustentável, e a aplicação dessas práticas deve contar com o apoio e a adesão de todos os segmentos, se-

jam eles relacionados diretamente ou não com as questões ambientais", explica.

As ações englobam todas as áreas do museu e podem ser observadas desde atitudes pequenas, como a não utilização de copos plásticos, o uso de folhas recicladas e documentos impressos em frente e verso, como também em ações de caráter mais elevado, como é o caso do cuidado diário do jardim.

A área ajardinada ocupa grande parte da instituição e é uma das partes que mais agrada o visitante, como é o caso da manicure Naiara Maciel, de São Joaquim da Barra. "É muito legal perceber que um local de cultura e arte também se preocupa com o meio ambiente e tem cuidado de preservar suas plantas. (...) O jardim é lindo e bem cuidado", diz a jovem.

O responsável pelo local é o jardineiro Aparecido Donizete Ribeiro, que produz o próprio adubo utilizado na

instituição. A produção é feita com restos de plantas, sendo totalmente natural e orgânico, sem utilização de agrotóxicos. Para Aparecido, o melhor tipo de adubo. “É o tipo de adubo mais natural, porque não tem nada de animal, como o esterco de vaca. É produzido pela própria natureza, sem interferência química. As plantas adoram e ficam lindas”, diz.

Aparecido também explica que para regar as plantas foi instalado um sistema eletrônico de irrigadores que tem um ciclo de 12 horas, sendo que ele se aciona por blocos dentro do museu. Uma parte é regada por 5 minutos, depois a outra e assim até todas estarem prontas. O sistema contribui para que não haja desperdício de água, como também para que o solo não fique encharcado. Além disso, quando chove ou o tempo está mais úmido o sistema é desligado.

Ar limpo

Outra grande atitude do museu dentro da esfera sustentável é a participação no programa “Carbon Free”, desenvolvido pelo IPCC – Intergovernmental Panel on Climate Change, órgão científico para assuntos de mudanças climáticas da ONU. O programa internacional realiza estudos que apontam quantas árvores devem ser plantadas em uma área com determinado número de pessoas para que haja o equi-

líbrio da quantidade de gás carbônico no ar. Segundo a gerente Cristiane, anualmente, é feito um levantamento do número de funcionários e de visitantes do Museu Casa de Portinari, para calcular quantas árvores devem ser plantadas em Brodowski. Além de contribuir com a qualidade do ar, a atitude também contribui para o reflorestamento urbano.

Ainda para Cristiane, hoje a sustentabilidade é algo que deve ser discutido por todos. “Os problemas ambientais cruzam as fronteiras locais e atingem a escala global em causas e em consequências. Por isso, a sustentabilidade é algo que deve fazer parte do nosso cotidiano. Temos responsabilidades para com as gerações futuras”, finaliza.

Para a educadora do museu, Andreia Taveira, trabalhar em uma instituição que se preocupa com o meio ambiente faz toda a diferença. “A sustentabilidade é uma temática muito atual. O trabalho desenvolvido pelo museu é muito importante, uma vez que contribui com o meio ambiente e também conscientiza tanto seus colaboradores como visitantes a ter um olhar mais reflexivo sobre a questão”, diz. ■

Museu de Portinari associa arte à preservação ambiental



A CONSCIENTIZAÇÃO DA PLATEIA

FILMES E DOCUMENTÁRIOS SE TORNAM PALCO DE DISCUSSÃO SOCIOAMBIENTAL, APROXIMANDO E ALERTANDO O PÚBLICO SOBRE PROBLEMAS QUE SE REPETEM PELO MUNDO

Lucas Dacanal

“Isso aqui é um depósito dos restos. Às vezes, é só resto e, às vezes, vem também descuido. Resto e descuido.” A fala é da catadora de materiais recicláveis Estamira, protagonista de um documentário que leva seu nome. Entre devaneios de loucura e lucidez, o documentário aborda questões fundamentais sobre o mundo e a sociedade, entre elas o desperdício, o descuido, o lixo de uns e a riqueza de outros.

Esse é apenas um de muitos filmes e documentários que fazem um alerta sobre a situação do planeta e fogem da função de apenas entreter para informar e educar o público. A Mostra Ecofalante de Cinema Ambiental se propõe a debater a temática socioambiental. O festival é realizado desde 2012, em São Paulo, e este ano exibiu cerca de 100 filmes de diferentes países que aproximam o público da produção cultural ambiental.

“Sempre acreditamos que o cinema, como arte, tem o poder de sensibilizar um público amplo, de provocar a percepção das pessoas para a realidade. Os filmes que selecionamos proporcionam uma imersão nos problemas apresentados. Serve como uma ponte entre a sociedade e as questões que devem ser debatidas para então serem resolvidas”, conta Chico Guariaba, diretor e fundador da Ecofalante.

Documentário mostrou a tragédia de Mariana



Foto: Matheus Vieira

Como resultado, a Mostra revela que, apesar da distância, os mesmos problemas se repetem pelo mundo. Os filmes mostram como diversas comunidades são afetadas por problemas como falta de reciclagem, escassez de água e desmatamento. Além da quebra global como as mudanças climáticas.

O festival propõe que as questões apresentadas não fiquem apenas na sala de cinema. O público recebe estímulos para desenvolver um pensamento crítico e consciente sobre o que foi mostrado. “Além da exibição gratuita dos filmes, realizamos debates sobre os temas que as obras abordam. Convidamos pesquisadores acadêmicos, cientistas, empreendedores, jornalistas e outras pessoas que trabalham ou vivem as questões apresentadas. Eles aproximam os filmes ao dia-a-dia do público”, explica Guariba.

O outro lado da história

Em novembro de 2015, uma tragédia atingiu o município de Mariana (MG) quando a barragem de Fundão, pertencente à mineradora Samarco, rompeu-se, despejando rejeitos de mineração, destruindo o subdistrito de Bento Rodrigues e causando danos ambientais.

“...O CINEMA, COMO ARTE, TEM O PODER DE SENSIBILIZAR UM PÚBLICO AMPLO, DE PROVOCAR A PERCEÇÃO DAS PESSOAS PARA A REALIDADE.”

O rompimento é considerado um dos maiores desastres socioambientais da história do Brasil e motivou a ida de um grupo de produtores audiovisuais de Ribeirão Preto até Mariana registrar o que estava acontecendo. “Nós fomos uma semana depois que aconteceu o acidente, e agora que agente chegou lá, vimos que a tragédia era

desumai importância para a população”, diz Vieira.

A discussão social também motivou um grupo de alunos do curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto (Unaerp) a produzir um documentário sobre catadores de materiais recicláveis. “Descartados” mostra o dia-a-dia

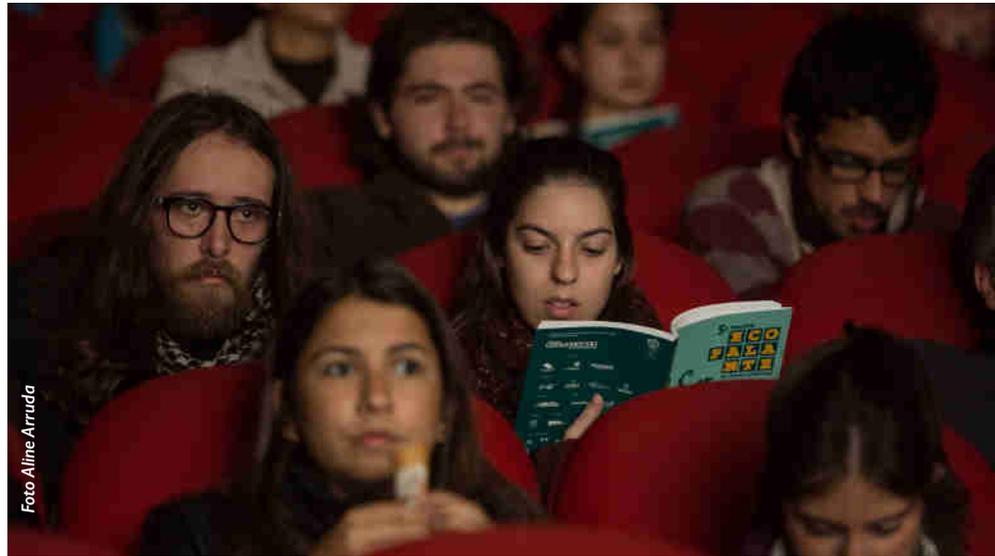


Foto: Aline Arruda

Festival aproxima o público da produção ambiental

muito maior e não tinha ninguém fazendo nenhum tipo de registro”, conta Matheus Vieira, produtor audiovisual.

Inicialmente, o que era para ser apenas algumas entrevistas se transformou em um documentário. “Fundão – A História Não Contada” conta a tragédia do ponto de vista dos moradores, além de entrevistas com especialistas de diversas áreas mostrando como o desastre impactou de forma cultural, antropológica, social e econômica. “Eu acredito que a produção documental pode ter uma abrangência maior sobre os fatos do que a notícia. A atividade mineradora é extremamente nociva ao meio ambiente como ela ocorre agora. Trazer essa discussão a público é

dessas pessoas e traz visibilidade para quem se tornou invisível aos olhos da sociedade. “Mostramos o outro lado, onde moram, o que fazem no seu tempo livre e damos voz a essas pessoas. O objetivo foi tirar o preconceito que existe contra eles.”, explica Thaísa Quezia, uma das alunas que trabalhou na produção do documentário.

O trabalho fez com que Thaísa tivesse uma nova visão sobre o próprio lixo. “Depois de ver a vida dessas pessoas bem de perto, percebi que também precisamos valorizar o que jogamos fora, porque outra pessoa pode usar isso para viver. O documentário mostra exatamente a realidade, a vida dessas pessoas e o porquê delas viverem disso.”

DO LIXO AO LUXO

LATAS DE ALUMÍNIO, PALETES DE MADEIRA, GARRAFAS PETS E OUTROS MATERIAIS DESCARTADOS PELA SOCIEDADE SÃO REAPROVEITADOS POR ARTISTAS PARA CONSCIENTIZAR SOBRE A IMPORTÂNCIA DO MEIO AMBIENTE. MATERIAIS INUSITADOS, QUE PODERIAM PARAR NO LIXO, SÃO REAPROVEITADOS

Mariana Andrade

Foto: Chris Carolo

A criatividade e a diversidade de artistas contemporâneos reaproveitam materiais vêm ganhando destaque. Pode ser um motor velho de uma máquina de lavar, que se transformou em porta revista, e latinhas que viraram vasinhos para decorar a sala de estar com plantas de pequeno porte. Esses objetos são encontrados na casa da artista Maysa Pettes, 59, que procura “humanizar”, mesclando os materiais encontrados. Como exemplo, a artista cita materiais que deram vida a algumas obras: metais com crochê, obras confeccionada para vender em seu atelier, e paletes de madeira para criar móveis decorativos.

Como artista, Maysa sempre teve curiosidade pelos trabalhos realizados com materiais recicláveis e já realizou diversas obras com artigos descartados. “Dou uma nova vida às esculturas que faço”, comenta.

A esculturas da artista Ribeirão Preto são carinhosamente apelidadas por ela de “garde partagée”, termo francês que significa “guarda compartilhada”. Maysa explica que utiliza este termo porque, após a finalização da obra confeccionada com materiais que foram descartados, elas vão para outras casas e passam a ter “outros donos”. “Você tirar algo do lixo, para dar uma vida, é uma coisa muito boa para se fazer”, afirmou.

Na cidade que abrigou Cândido Portinari, Brodowski, Ezio Marcola, 67, artista plástico, confecciona as obras com materiais encontrados em terrenos baldios, caçambas e ferro velho. “A diversificação artística quanto ao emprego destes materiais é imensa, dando possibilidade de estarmos sempre usando novos e diversificados materiais.”

O ambiente artístico vai além de fama e dinheiro. Fazer arte também é conscientizar as próximas gerações. Ezio é um dos vários frequentadores do museu Casa Portinari, onde participou do “Domingo com

Arte”, realizado no segundo domingo de cada mês, iniciativa do próprio museu onde o artista leva para o visitante do local, inclusive as crianças, novos materiais para mostrar que na arte se encontra em tudo. “Faço trabalhos com reciclados pela vontade de transformar o refugo em arte e levar essa conscientização para crianças sem condições de comprar uma caixa de lápis de cor, mostrando que para se fazer arte, não é preciso ter dinheiro, vamos reciclar: ‘olixo é luxo’”, observa o artista.

Maysa enfatiza a importância da conscientização. Além de confeccionar esculturas para vender e decorar a própria casa, a artista procura plantar “um dedinho verde” em clientes. “Quando montei a galeria, minha cortina era feita de jornal. Eu dei de presente para muitos clientes uma lixeira de papelão que desenhei e pintei para despertar a coleta de lixo seletiva. Com a cortina e alguns pedaços de panos, confeccionei sacolas.”

A artista não se prendeu somente a clientes, e mostrou que, no ambiente profissional, também é importante o uso destes materiais sem perder o luxo. Ela conta que já desenhou diversos móveis para serem usados em ambientes familiares de “uma Design, uma decoradora” com o uso do paletê de madeira. “A gente tem que conscientizar o consumidor, mas tem que conscientizar, também, o profissional”, declarou Maysa.

Recriando com luxo

A arte não está somente no criar algo novo. Ela também está interligada no recriar e dar uma nova cara a objetos, móveis e outros utensílios que seriam descartados.



Mini presépio de rolhas de vinho, feito pela artista Chris Carolo

A artista plástica, Christiane Carolo, conhecida como Chris, 52, artista plástica desde 1982, trata a arte como um hobby e mal podia imaginar que uma reforma na sua casa, traria uma reforma para o seu modo de ver o que era considerado o “resto” de obra. “É que em grande parte das vezes tratamos a arte como hobby, e não é verdade. A arte pode investir e pode dar certo. As pessoas tem que tentar, e tem que se ter uma dose de talento para fazer isso. Se você nunca tentar, nunca saberá se tem talento ou não.”

Com um pote de grafiato de papelão, que a artista encontrou enquanto reformava sua casa, Christiane teve a ideia de transformá-lo em um pote decorativo. A partir daí, começou a restaurar objetos da própria moradia, já que tinha dar uma cara nova. “Não sei dizer quando foi a primeira encomenda. Um pedido foi chamando outro e, hoje, trabalho mais na parte de restauro e customização de móveis, reformando o ambiente de um cliente, trocando tecido ou fazendo uma pintura diferente em um móvel.”

O trabalho de Christiane envolve restauração, customização e criação de objetos novos a partir de garrafas, madeira - paletes e caixotes - e outros materiais não reutilizáveis. “Eu costumo brincar que sou a louca da caçamba, pois onde eu passo, às vezes, pegando material para dar uma nova cara. Já achei cabeceira de cama, cadeira, espelho, e outros objetos que pretendo reformar.”

Redes sociais também são usadas pela artista como forma de divulgar seus trabalhos e incentivar outras pessoas a fazerem o mesmo, mostrando que é possível conscientizar e divulgar a arte que se torna luxo, seja na criação ou restauração destes objetos, através da internet. “Nas minhas redes sociais, sempre tem pessoas que comentam sobre o que foi postado. ‘É uma boa ideia, eu vou fazer isso!’ Acredito que isso cria um cadeia de estímulo para alguém que possui algum talento ou a vontade de fazer. Então, é um incentivo, com certeza.” ■

SUSTENTABILIDADE EM CADA ESQUINA

O GRAFITE, ARTE DE PINTAR MUROS E PAREDES ABANDONADAS, ABORDA A SUSTENTABILIDADE DE UMA FORMA CRIATIVA E INSUTADA

André Guedes da Costa

Fotos: Acervo Pessoal

Cada vez mais o grafite é visto e reconhecido no mundo como uma arte de fato. Antes marginalizado, era considerado um ato de vandalismo e depredação do espaço público ou até mesmo privado. Hoje, no entanto, a realidade é outra: a manifestação artística aparece cada vez mais consciente e profunda, tratando de assuntos de relevância e agindo como uma forma de protesto e de conscientização da população nos mais diversos assuntos – inclusive a sustentabilidade.

O fato de o grafite ser realizado em muros e paredes sem restrição de escolha o torna uma arte democrática e sem distinção de público.



A prática de trocar e em



Grafite de Murilo Bonet em muro abandonado de Araraquara

A GRANDE MAIORIA DAS ARTES JÁ É UMA PEÇA DE CRÍTICA SOCIAL, COM ELEMENTOS E IDEIAS DIRETAMENTE RELACIONADOS

Assim, o grafite afeta todas as camadas sociais e transcende a sua mensagem a um plano geral. Isso faz com que a representação da sustentabilidade seja muito importante no grafite. Ela alcança a todos, constantemente, seja na ida ao trabalho, no lazer ou para pagar as contas. A arte está exposta 24 horas por dia.

Para o artista Bro da Silva, grafiteiro de Ribeirão Preto, esse foi um dos motivos que despertou o interesse



pelo grafite: o fato de poder reproduzir desenhos em diferentes tamanhos e proporções, criando diferentes perspectivas. A identidade de cada um de seus desenhos e a surpresa que eles causam, por estarem em qualquer lugar, também o motivaram a começar com a arte.

Bro começou a trabalhar com o grafite aos 14 anos. Ele acredita que qualquer grafiteiro possa trabalhar o tema da sustentabilidade em suas artes, caso queira. Já Murilo Bonet, grafiteiro araraquense, diz que a sustentabilidade não se encontra só na arte: ela também pode ser vista durante o trabalho de criação, muitas vezes, feito em conjunto, onde os artistas emprestam materiais entre si. De acordo com Bonet, é muito comum a reutilização de “bicos” de latas antigas ou

de latas de companheiros para poupar materiais, o que proporciona um melhor resultado no mural.

Ambos são artistas profissionais. Além de grafiteiros, são tatuadores e se preocupam genuinamente com a sustentabilidade. Bonet acredita que o trabalho de grafite em sua essência é uma prática que visa à consciência sustentável: “creio que os grafiteiros estão preocupados com a sustentabilidade, sempre pensamos na mensagem a ser passada e no cuidado com o ambiente que nos cerca durante o processo de criação”.

Bro da Silva, por sua vez, faz parte de um projeto em Ribeirão Preto chamado EducaJovem, que trabalha individualmente em oficinas voltadas para o desenvolvimento de habilidades pessoais e competências sociais, vivência criativa através de artes e expressão corporal, incentivo à leitura e escrita e também às práticas sustentáveis. O grafiteiro lembra também que possuem uma horta para incentivar a consciência social das crianças em relação à sustentabilidade.

O projeto EducaJovem é realizado na Fundação Educandário, localizada na Av. Cavalheiro Paschoal Inecchi, 500, em Ribeirão Preto.

Bonet é mais direto sobre a conscientização: a grande maioria das artes já é uma peça de crítica social, com elementos e ideias diretamente relacionados. Grande parte de seu trabalho contém natureza, pássaros e índios, todos cheios de cores em contraste com o cinza das cidades.

Ainda à respeito da comunidade do grafite, os dois artistas concordam que a convivência é muito boa. De acordo com Bro em todas as convenções e encontros de grafiteiros os participantes são simpáticos, trocam muitas experiências e fazem boas amizades para que a arte evolua. Bonet afirma também que foram os amigos que o levaram a grafitar. Uma prática muito comum dos grafiteiros é pintar em grupos, mesmo com pessoas desconhecidas. ■

**PARA MAIS INFORMAÇÕES,
ACESSE O SITE
EDUCANDARIORP.COM.BR
OU LIGUE PARA (16) 3627.1800**

EDITORIAL

IDEIAS VERDES

Todas as revistas são iguais, ou, pelo menos, é essa a ideia que grande parte dos leitores possui. Elaboradas por jornalistas, elas se espalham pelo mundo recheadas por inúmeras publicidades. São apaixonantes pelas belíssimas e premiadas capas. Além disso, as personalidades adoram aparecer em seus conteúdos, fazendo de suas páginas um 'tapete vermelho' costurado com vírgulas e pontos finais.

Diferente dessas grandes e tradicionais publicações, a Revista Buzz, que está agora sob o seu olhar e em suas mãos, apresenta para Ribeirão Preto e região um novo conceito de revista: a informação com a visão dos estudantes de jornalismo, contemporânea e independente.

Em sua primeira edição, a Buzz traz em seu conteúdo um tema atual quanto às próprias folhas: a sustentabilidade. O desenvolvimento de projetos sustentáveis e a prática de atividades com dimensões socioambientais têm proporcionado um retorno muito positivo às cidades e também às pessoas. Não é à toa que as questões ambientais invadiram os meios de comunicação e mostraram para a sociedade a capacidade de criar valores.

Existe ainda uma compreensão cada vez maior sobre a qualidade de vida. A busca por modelos mais harmoniosos de relação entre o homem e o habitat está mais presente nos dias atuais. Diante deste cenário, esta revista tem o papel de transferir para os seus leitores as mais diversas possibilidades de sustentabilidade, desde uma construção civil ou até mesmo um simples ato do dia a dia.

É com a premissa de produzir um conteúdo autêntico, elaborado com a determinação dos alunos, que o Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP) planta, por meio destas páginas, em um solo fértil, as sementes ideias verdes.

Juliana Ijanc'

Estudante da 6ª etapa de Jornalismo

EXPEDIENTE

Buzz - Revista Laboratório do Curso de Jornalismo da Universidade de Ribeirão Preto – UNAERP. Projeto de Extensão Interdisciplinar da sexta etapa de graduação em Jornalismo

Reitora da Universidade de Ribeirão Preto:

Profa. Elmara Lucia de Oliveira Bonini

Diretoria de Ensino, Pesquisa e Extensão – Graduação:

Profa. Sonia Maria Camargo dos Santos

Coordenação do Curso de Jornalismo:

Prof. Geraldo José Santiago

Professores responsáveis:

João Flávio de Almeida, Murilo Pinheiro e Rafael Reis

Produção: alunos da sexta etapa do Curso de Jornalismo

Repórteres / Fotógrafos

Ana Carolina Rossi, Ana Cláudia Campos, André Guedes, Alisson Henrique, Arnaldo Santos, Ananda Santos, Andreas Borges, Danielle Nader, Carolina Machado, Carolina de Santi, Carolina Mateus, Eduarda Manzoni, Felipe Melo, Gilsimara Cardoso, Gustavo Tonetto, João Paulo Roganti, Juliana Ijanc', Laís Abbadé, Laís Cangussu, Larissa Onusik, Lígia Boreto, Lucas Dacanal, Luísa Barros, Mariana Andrade, Marina Marzola, Murilo Trevisan, Pâmela Baldin, Paolla Yoshie, Pedro Jacintho, Raquel Duarte, Renan Giorgeti, Sarah Almeida, Stella Arengheri, Talita Robinato, Victor Menezes e Vinícius Lima.

Apoio: Maria Amélia Gallo e Samantha Verhaeg.

O teor das matérias publicadas nesta revista é de responsabilidade dos autores, não representando, portanto, a opinião da instituição mantenedora.

Impressão: Herograf Indústria Gráfica.

Distribuição: gratuita.

Versão digital e estendida:
www.jornalismounaerp.com.br

UNAERP - Universidade de Ribeirão Preto
Curso de Comunicação Social
Av. Costábile Romano, 2.201 - Ribeirão
CEP 14.096-380 • Ribeirão Preto - SP
Fone: (16) 3603-6749 / 36-03-6716
<http://jornalismounaerp.com.br/>
<http://unaerp.br/>

UNAERP

#CONHECIMENTO PARAVIDA

PROCESSO SELETIVO 2017

PROVAS AGENDADAS

INFORME-SE UNAERP.BR

HUMANAS

- Administração
- Administração / Ciências Contábeis
- Arquitetura e Urbanismo
- Ciências Contábeis
- Comércio Exterior
- Direito
- Jornalismo
- Música - Licenciatura
- Publicidade e Propaganda
- Relações Internacionais
- Serviço Social

EXATAS

- Engenharia Civil
- Engenharia da Computação
- Engenharia de Produção
- Engenharia Química
- Sistemas de Informação

SAÚDE

- Educação Física - Bacharelado
- Educação Física - Licenciatura
- Enfermagem
- Farmácia
- Fisioterapia
- Nutrição
- Psicologia

CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA

- Logística

EAD-EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

CURSOS DE GRADUAÇÃO

- Pedagogia - Licenciatura
- Serviço Social

LOCAIS DE INSCRIÇÃO

- UNAERP Campus Ribeirão Preto
- UNAERP Campus Guarujá

•• 0800 771 8388

Campus Ribeirão Preto
facebook.com/universidadeunaerp

•• 0800 773 7760

Campus Guarujá
facebook.com/unaerpcampusguarujá



1. Baixe o app Zappat.
2. Aponte para o ícone.
3. Assista como o conhecimento muda sua vida.

ProUni
 PROGRAMA DE FOMENTO À EDUCAÇÃO

FIES
 PROGRAMA DE FINANCIAMENTO ESTUDANTIL

FUNDACRED
 FUNDAMENTO À EDUCAÇÃO

